



FORA DA MODERNA



"São os do Norte que vêm..."

Manifesto dos Artistas Cearenses

MANIFESTO DOS INDEPENDENTES

Artistas plásticos de todas as tendências políticas, religiosas e estéticas, irmanados no mesmo propósito de agitar a coisa artística tão relegada até agora pelos centros ociosos da pintura, da escultura e do desenho entre nós, resolveram estar reunidos para trabalhar pela presença artística do Ceará no concerto das atividades especializadas do Brasil. Esses artistas somos nós. Profundamente chocados com o marasmo reinante em nosso meio, no que se refere aos trabalhos artísticos, e achando, por outro lado, que tudo o que se vem fazendo é num sentido absolutamente nulo de padronização artística num nível excessivamente baixo, resolvemos fazer essa coisa que talvez pareça a muitos destituída de qualquer senso: dar um alto grau de intensidade a função dos pintores e artistas plásticos em geral de nossa terra.

Para isso estivemos reunidos, debatendo longamente os caminhos que deveríamos seguir. Nada do que fazemos será improvisado, sendo profundamente meditado e de acordo com uma diretriz de firme honestidade artística.

Chamamo-nos de "Grupo dos Independentes". Entre nós não haverá nenhuma coação mental, em qualquer sentido, inclusive no sentido da orientação de escolas, para isso aceitando como lícita qualquer procura artística, desde que o princípio da honestidade seja observado estritamente pelo seu autor. Não nos cingiremos a uma regra política, como não nos cingiremos a uma regra estética ou religiosa. No Grupo estarão elementos de todas as tendências que queiram fazer alguma coisa, eivada do melhor interesse artístico, dentro das artes plásticas.

Por outro lado, para manter essa nossa independência, anunciamos a priori que desautorizamos qualquer movimento no sentido da proteção oficial, com dinheiro do governo, aos nossos trabalhos. Resguardamo-nos o direito de absoluta liberdade, para cujo respeito nos empenharemos até o limite extremo.

Isso porque a liberdade é a nossa condição essencial. Acreditamos que nada se poderá fazer senão à margem de qualquer coação, seja ela exercida em que sentido for, estético ou político, e trabalharemos para que nossas telas, nossas esculturas e nossos desenhos sejam expressões do mais entranhado sentimento individual de cada um.

Tanto isso é verdade que, de início, concluímos que o "Grupo dos Independentes" se conservará num total ecletismo acatando, para seus componentes, qualquer orientação artística, sempre dentro dos nossos propósitos de profundo respeito a um elevado espírito de sinceridade e honestidade.

Em meio da balbúrdia que se criou com o combate levado a efeito pelos chamados "modernistas" à arte antiga, advertimos, também, que, na verdade,

nada do passado deve e pode ser desprezado, a não ser aquilo que, dentro de sua própria época, deveria e poderia ter sido desprezado. Acatamos toda a lição pronunciada pelos artistas plásticos anteriores a nós, sobre ela lançando a nossa contribuição pessoal, a fim de entregá-la, melhorada, às gerações futuras de pintores, escultores e desenhistas.

Sem embargo, os componentes do Grupo demonstram, nessa oportunidade, o seu desejo de pesquisar sobre as artes plásticas, no intuito de encontrar fórmulas novas, capazes de conduzir o povo a um mais íntimo contacto com o que houver de absolutamente puro dentro dos conceitos estéticos das artes plásticas.

Achamos, assim, que a compreensão reinante em torno da chamada "arte moderna", arte que expressa perfeitamente esse enunciado de pu-

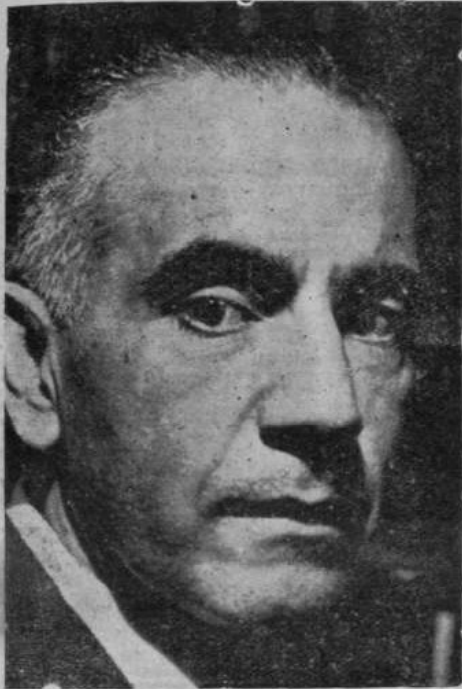
reza a que nos referimos, se deve exclusivamente a uma falta de educação artística, que pretendemos levar a efeito, através de exposições, explicações e conferências, numa constância capaz de lançar as raízes de um prolongado movimento de arte entre nós. No sentido da educação do povo, evitaremos, dentro de qualquer escola, o fácil e o improvisado e fugiremos, como de uma coisa fatal aos nossos propósitos de bem servir à Arte, a qualquer espécie de arte vulgar, acomodaticia e inexpressiva. Denunciaremos, para isso, todo processo de pintura "cartão postal", feita para agrado de certa classe de admirativos absolutamente destituídos de qualquer espírito crítico e de qualquer educação artística.

O povo deve participar estritamente de nossa arte, seja ela vasada nos moldes acadêmicos ou modernistas, abs-

tracionistas ou figurativistas, o mesmo acontecendo entre a nossa pintura e o povo. Temos como certo que no momento em que tomamos um pincel, um esboço ou um crayon, estamos fazendo alguma coisa que será vista por alguém, e acreditamos que temos responsabilidade perante esse alguém, muito embora estando certos também de que esse alguém precisa, entre nós, de uma educação para atingir um ambiente perfeito de arte verdadeira.

Assim, formados dentro de uma linha de profunda honestidade estética e social, os componentes do "Grupo dos Independentes" se propõem a agitar o problema e a factura da arte no Ceará, a fim de entrosá-lo na harmonia das atividades artísticas humanas. Muito embora não nos mova nenhum interesse de propagan-

(Continua na pg. 2)



O AUTOR DO MÊS — Com o aparecimento de «O Retratos», segundo volume da trilogia de Erico Veríssimo, O TEMPO E O VENTO, cujo primeiro tomo, «O Continentes», surgiu em 1949, o ano literário de 1951 não podia ter melhor remate. Em agradável e sugestiva apresentação da Editora Globo, «O Retratos» está sendo recebido como um acontecimento literário de repercussão nacional. Nefe, o romancista gaúcho continua a história dos Terras dos Cambarás, de Santa Fé e do Sobrado abrangendo a época de 1909 a 1915, um dos períodos mais movimentados e interessantes da história política e social de sua província e do país.

Entrevistado a propósito desse novo romance, Erico Veríssimo respondeu:

«A única coisa honesta que lhe posso dizer é que já nunca escrevi um livro com tanto prazer como esse segundo volume de «O TEMPO E O VENTO».

Em sua recente passagem pelo Recife, Erico Veríssimo anunciou, em palestra com os redatores desta revista, que, em 1952, começará a escrever o terceiro e último volume de sua trilogia. E adiantou que, nesse próximo romance, a sua ação chegará até 1945. (Ver tópico e fotografias de Erico Veríssimo no Recife, pgs. 2 e 4).

O "GRUPO DOS INDEPENDENTES"

ANTONIO GIRÃO BARROSO

No "back ground" da pintura cearense talvez houvesse um mal estar qualquer, deante da quasi monotonia que vinha solapando (não sei se se exagero um pouco) os seus alicerces, tão sólidos e promissores há alguns anos atrás. Um torpor, que se caracterizava por uma grande falta de movimentação e interesse, lavava de tristeza e silêncio os nossos meios plásticos. Dormitavam os plásticos placidamente, enquanto lá fora o mundo se agitava. Inclusive o mundo pictórico.

Depois do último "Salão de Abril", bastante sombreado aliás, quasi nada ocorrera, capaz de suscitar a curiosidade do público afeccionado. A SCAP continuava vivendo uma existência de caracol, limitada pelas paredes outrora sujas e agora limpas de sua sede. Lá dentro, tudo se desenrolava também muito placidamente. Era como se a vida tivesse parado para os artistas plásticos do Ceará. Pintava-se um ou outro quadro, e para não dizer que inexistiam as exposições, uma realizou-se no Instituto Brasil-Estados Unidos, sob o patrocínio da "Pré-Arte".

Foi quando chegou Bandeira, que vinha do Rio, depois de ter passado vários anos em Paris. E começou, felizmente, a haver alguma agitação em torno dele, que afinal, instado pelos seus amigos, resolveu expor no Instituto Brasil-Estados Unidos. Sua presença em Fortaleza — está se vendo agora, claramente — serviu também pa-

(Continua na pg. 2)



O "GRUPO DOS INDEPENDENTES" DO CEARÁ: Pintores Antônio Bandeira, Goebel Weyne, Floriano Teixeira, Hermógenes Gomes da Silva e repórteres Jairo Martins Bastos e Jonon Barreto

HOMENAGEADO PELO SNR. IBRAHIM NEJAIM. COM UM CHURRASCO DE DESPEDIDA, O NOVO EMBaixADOR DO BRASIL NO PARAGUAY, GENERAL BRASILIANO AMERICANO FREIRE — FESTA SINGULAR, DE SIMPATIA HUMANA, ALCANÇA AMPLA REPERCUSSÃO NA SOCIEDADE PERNAMBUCANA — DISCURSOS

Em ato recente do snr. presidente da República, foi nomeado para as altas funções de Embaixador do Brasil no Paraguai o General Brasileiro Americano Freire, comandante da 7a. Região Militar, sediada nesta capital.

S. Excia., que durante o exercício do seu comando conquistou inteiramente a sociedade pernambucana, tornou-se alvo de carinhosas manifestações de despedida. Assim é que inúmeras agremiações, clubes desportivos e sociais, amigos e admiradores, disputaram-lhe os últimos dias de permanência no Recife, oferecendo-lhe as mais variadas e expressivas demonstrações de simpatia.

O snr. Ibrahim Nejaim, do alto comércio desta capital e elemento de destaque da nossa melhor sociedade, ofereceu ao ilustre militar um succulento churrasco,

a que compareceram mais de mil pessoas, enchendo toda a área do velho e austero sobrado da rua Imperial.

Foi uma festa magnífica e, talvez, a mais interessante de quantas tão merecidamente recebeu o General Americano Freire, porquanto se revestiu de um caráter essencialmente humano, nela tomando parte altas autoridades civis e militares, banqueiros, industriais, comerciantes, intelectuais, jornalistas e, sobretudo, grande número de senhoras e senhorinhas, operários acompanhados de suas famílias, numa tradução inequívoca do apreço e da estima que desfruta entre nós o ilustre militar, que soube fazer amigos e captar simpatias em todas as camadas sociais do Estado.

Entre outras pessoas presentes, cujos nomes escaparam à nossa reportagem, conseguimos anotar as seguintes:

General Brasileiro Americano Freire e Snrs., Brigadeiro Ivo Borges e Snrs., Almirante Harold Cox, Cônsul Andrés Santiago Stipanovic e Snrs., Adido Cultural dos States Francis Townsend, Cônsul Giorgio Braccialarghe e Snrs., Deputado Manoel Cordeiro de Melo Filho, Coronel Viriato de Medeiros, Snr. Veremundo Soares, Major Aguiar de Oliveira Almeida, Snr. Youssef Habib El-Khoury, Snrs.

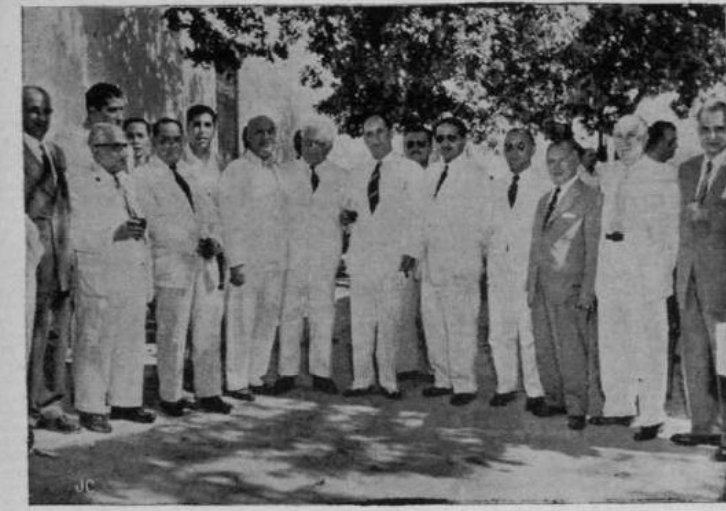
Abdallah Noujaim, Desembargador Fellamino Guedes, Snr. Afonso Cordeiro Agra, Snr. Edgard Correia de Menezes, Snr. Carlos de Freitas Lima, Dr. Ivoilão de Sousa, Snr. Adeth Leite e Snrs., Jornalista Eugênio Coimbra Júnior, Dr. Apulchro de Assumpção, Dr. Paulo do Couto Malta, Snr. Clidenor Marinho de Carvalho e Snrs., Snr. Oscar Jucá e Snrs., Guarda-Mór Flávio Hosena, Snr. Flarete Nobre de Lacerda e

Snrs., Dr. João Pacifico Sobrinho e Snrs., Snr. Maurício Meira, Snr. Cleo Virgílio Torres, Snr. Clarindo Cruz, Snr. Alcides de Andrade Melo, Dr. Oliveira Lima, Snr. Lauro Amora Maciel, Major Dalvino de Senna, Snr. João Uchoa, Snr. Luiz Guimarães e Snrs., Snr. José Carneiro, Snr. Arnaldo Meinhardt e Snrs., Snr. Bernardo Kugelmas e Snrs., Snr. F. Berlowitz e Snrs., Comandante Luiz Felipe Pinto da Luz e Snrs.

Homenagem ao gal. Americano Freire



O novo embaixador do Brasil no Paraguai, gal. Americano Freire, ladeado pelo snr. Ibrahim Nejaim e amigos



Grupo de jornalistas e industriais presente ao churrasco

DIÁRIO ÍNTIMO

(Continuação da pg. 5)

visitar o velho amigo. E o vejo depois de doze anos de ausência, o mesmo homem calmo, com o seu corpo leve de pássaro. Está no seu escritório entre compassos e lápis, plantas de vários edifícios, cálculos em papéis estranhos aos olhos, de números e desenhos. Livros em russo, norueguês e alemão. Conversa sobre o Recife, a cidade inapreciável do grande poeta. Tilmata, o telefone. É um chamado de Oscar Niemeyer que avisa o dia de partida para Cardoso calcular um hotel de S. Paulo, que será o maior da América do Sul. Depois o poeta vira-se para mim e diz: — estou em falta com você. E me brinda com um soneto que publicarei no próximo número da revista do Clube Internacional. Primeiro quarteto;

"Sobre o meu coração dedos de luvas,
Dedos sutis de mãos consoladoras.
Esocarum leves, num roçar de chuvas
De vento e de verão sobre lavouras."

MISSAO — Tinha uma missão a cumprir. A de registrar a Associação da Imprensa de Pernambuco, no Instituto Nacional do Livro. Acompanha-me Murilo Marroquin que consegue rapidez no meu intento. Dentro de poucos dias a A.I.P. receberá as obras completas de Ruy Barbosa.

COM JORGE DE LIMA — Outro velho amigo que não poderia deixar de ser visitado. Encontro-o no consultório repleto de clientes. Trabalha de oito às dez da noite. Conto-me alguém que é chic uma consulta a Jorge de Lima, mesmo sem doença; só por aflição. Certo é que a sua clínica é cheia de mulheres ladadas, vindas do norte e do sul. Os doentes ouvem música e têm pinturas em molduras exóticas. Mantém correspondência com grandes nomes da literatura mundial. E recebe os maiores elogios sobre a sua obra poética. O poeta e pintor está classificado na Bienal. E atualmente realiza uma exposição no Recife, em homenagem a Pernambuco e aos seus amigos.

A BELEZA PERNAMBUCANA — Janto no "Beef de Ouro", com João Condé. O diretor de "Jornal de Letras", tem sido gentilíssimo comigo. Desfilam mulheres maravilhosas. Em dado momento passa uma pernambucana em companhia do seu marido. Alguns olhares de admiração. Então me diz Condé: — esta senhora é apontada como uma das mais belas do Rio. Fico contente por se tratar de uma pessoa da minha terra.

TEATRO PORNOGRÁFICO — O teatro está repleto. Fila intensa para compra de ingressos. A peça anda por mais de um mês, um matiné e soíre sem sair do cartaz. É inarrabalssima. E chama-se "Balança mas não cêi...". Não sei como se gosta daquilo. E confesso que não sou preconceituoso. Pois bem: os aplausos são enormes. Pelo que ouvi do Mesquitinha e da Eros Volávia, a pobre da Virginia Lane é uma santa. E o engraçado é que vi um certo "Cação", do Recife, se babando de contente com as imoralidades consecrativas. Como o Rio modifica os moralistas da província!...

A CARIÓCA É UMA MULHER CALUNIADA — O meu amigo L. J. faz-me ver que os grandes escândalos sociais no Rio são provocados pelas penas de fora. Pela imensa população flutuante que a cidade tem. Na província passam como santos. Na metrópole despenem-se das realceiras, e se soltam... A carioca é que paga o pato.

FINAL — No Galédo espero o "Constellation" que deve sair a meia noite. Então presentes os meus amigos Willy Levin e Eustáquio Duarte. Os amigos não perdão o meu rápido regresso. Digo-lhes que voltarei no princípio do ano. E revejo a luminosidade do céu do Recife.

Snr. Antônio Mendes de Oliveira Filho, Snr. Nildo Fernandes de Oliveira, Snr. José T. de Moura Filho e Snrs., Deputado Severino Mário, Snr. Lourival Fernandes, Dr. Zacharias Maciel e Snrs., Snr. Miguel Madruga e Snrs., Deputado Cleo de Sousa, Snr. Abelardo Cortez e Snrs., Snr. Amaro Sobral de Mattos, Jornalista Adalberto dos Santos, Snr. Edson dos Santos, Snr. Aristides Medeiros e Snrs., Snr. Arthur Napoleão Goulart e Snrs., Coronel Mário Imbiriba e Snrs., Coronel Antônio Faustino da Costa e Snrs., Tenente José Caetano Requião e Snrs., Major Gerardo Alves de Oliveira, Snr. Alfredo Ferreira Filho, Dr. Quirino Simões, Snr. Pedro Renda, Dr. Esmaragd Marroquin, Dr. Ruyaldo Câmara e Snrs., Snr. Theotônio Carneiro, Dr. Virgílio Aragão, Snr. Jayme Nejaim e Snrs., Snr. Bartholomeu Faria, Snr. Stelmar Ferraz Amorim, Snr. Djalma Ferreira Nunes, Snr. José Carvalho, Snr. Irólido Matta Alencar, Dr. Arthur Barreto Coutinho e Snrs., Snr. Pedro Edésio, Snr. José Ferreira Moreira e Snrs., Dr. José Euclydes, Doutorando Anthony Correia, Snr. Lomen de Sousa Bastos, Coronel Sydrack de Oliveira Correia e Snrs., Snr. Arnaldo Moreira Pinto e Snrs., Coronel Pedro de Hollanda, Snr. José Leopoldino de Luna Pedrosa Filho e Snrs., Dr. Xisto Guedes, Snr. Afonso Leão, Snr. Afonso de Albuquerque e Snrs., Snr. Manuel Ferreira de Albuquerque e Snrs., Dr. Ceazário de Mello, Dr. Melchides Montenegro, Jornalista Jorge Campello, Dr. Mário Mello e família, Snr. Marçilio Carmirino Mindelo, Snr. José Tavares de Sousa, Dr. Prudenciano de Lemos e Snrs., Dr. José de Mello e Snrs., Deputado Hélio Coutinho, Dr. José Correia, Dr. Paulo Parisi, Snr. Francisco Guerra de Andrade Lima, Snr. Michel Nejaim,

Snr. José Almeida do Nascimento e Snrs., Dr. Perseu de Castro Lemos e Snrs., Deputado Alcides Teixeira, Snr. Ulysses Freire, Snr. José Amado Júnior, Dr. Mário de Sousa e Snrs., Dr. Aloysio Costa, Dr. Sizenando Carneiro Leão, Snr. Eugênio Antunes e Snrs., Snr. Eduardo Menezes e Snrs., Snr. José Velloso da Silveira, Snr. Francisco Fernandes de Oliveira, Snr. Genésio Campos de Siqueira, Snr. Auro de Vasconcelos Leite, Snr. Severino Campos de Siqueira, Snr. Maviavel de Castro Alcântara, Dr. Gentil de Mello e Snrs., Snrs. Nazinha de Castro, Dr. Dário Azevedo e Snrs., e Snr. Danervant Velloso de Macedo e Snrs.

Numerosas foram, também, as senhoras e senhorinhas presentes, dando ainda, mais graça ao ambiente e tornando mais bela a festa com as suas presenças.

Durante toda a festa fez-se ouvir uma fração musical em números escolhidos e um grupo de artistas do sul do país e do "broadcasting" local apresentou bem organizado "show", que foi muito aplaudido.

Ao champagne, o jornalista Melchides Montenegro, fez brilhante saudação ao general Americano Freire, cujos méritos de soldado e de homem de sociedade, exaltou demoradamente, referindo-se, também, a imensa popularidade que conquistara pelas suas atitudes de democrata sincero.

O Dr. José Euclydes, nome igualmente conhecido em nossos meios sociais, falou, a seguir, e, em admirável improvisação, referiu-se com carinho à personalidade do anfitrião, o snr. Ibrahim Nejaim, espírito dinâmico fortalecido por um coração generoso e bom que o fazia mais querido dos seus numerosos amigos.

Ainda usou da palavra o doutorando Anthony Correia que expri-

miu ao general Americano Freire a satisfação de associar-se à homenagem que lhe estava sendo prestada pelo snr. Ibrahim Nejaim.

Profundamente emocionado, levantou-se para agradecer a homenagem, o general Americano Freire. O seu discurso foi breve mas expressivo. Disse que se sentia feliz por dar adeus ao Recife naquela reunião de família, junto a bons e leais amigos, porque a festa que o seu velho e sempre lembrado amigo lhe oferecia via-se bem que era uma festa de coração. E depois de referir-se à imponência da reunião, seu ineditismo e beleza, declarou que não queria ser egoísta e, assim, estendia todo o esplendor da homenagem ao próprio Exército brasileiro.

O general Americano Brasileiro Freire foi demoradamente aclamado pelos presentes que passaram a ouvir, então, a palavra do snr. Ibrahim Nejaim.

Em poucas palavras, o snr. Ibrahim Nejaim referiu-se à sua satisfação pessoal e de sua família em receber o general Americano Freire a quem solicitava a generosidade de aceitar aquela homenagem que era mais uma prova de que o Recife o estimava e o lembraria sempre como um bom amigo. Agradeceu, também, o snr. Ibrahim Nejaim a presença de todos os seus amigos que tão simpaticamente, ali compareceram para abrilhantar a aludida homenagem.



Um aspecto do churrasco oferecido ao gal. Americano Freire

O Negro e as Artes Plásticas

YVONILDO DE SOUZA

Desde fins do século XIX a Europa vem demonstrando um certo esgotamento intelectual, estado de coisas que, segundo alguns observadores, bem pode se assemelhar ao do século VIII, quando "a Europa se viu mergulhar no fundo de uma ignorância quase completa" (F. Loise — Hist. das Literaturas Comparadas). A verdade é que não se tem visto mais a renovação de idéias, nem a sucessão de figuras nas galerias da história. Um marasmio, acompanhado de uma incoerente prostração mental, parece acentuar-se cada vez mais, até nos dias, na vasta comunidade européia.

Dai, dêse estado de coisas, talvez a busca, a procura de valores novos para além das clássicas fronteiras.

O domínio europeu, até então apenas econômico e colonizador, ganha novos matices — passa a ser também espiritual, no setor artístico. A Europa, senhora quasi absoluta do imenso continente africano, volta suas vistas para outro paralelo. Olha a África, pela primeira vez em vários séculos de colonização, com olhos humanos. E, em vez de roubar-lhe os tesouros artísticos, como dantes, ou de negar àquêle povo de tez escura certas qualidades que lhe são inerentes, passa a reconhecer-lhe valores, até então tão enobrecidos pelos "preconceitos que detinham os Brancos perante um manipiano negro".

A Arte Negra, descoberta no limiar dêste século, embora velha de milênios, recebe, agora calorosos, definitivos e consagradores aplausos. O próprio André Gide dizia, desasombroado, ao regressar de uma viagem às regiões do Lago Tchad, na África Equatorial Francesa: "Nos chants populaires, près de ceux-ci, paraissent grossiers, pauvres, simples, rudimentaires" (A. Gide — Le Retour du Tchad). Outros artistas europeus, que se de-frontaram com a primitiva Arte Negra, não tiveram dúvidas de proclamar que se "achavam perante uma arte primitiva que não teve a acompanhá-la êsses aperfeiçoamentos nas relações do homem com a natureza e também nas relações dos homens entre si e que chamamos civilização", sem que isso significasse o reconhecimento de um estágio de infância para a Arte Negra. Ao contrário, foram êles os primeiros a reconhecer que se tratava de uma arte que se vira forçada a cristalizar e que não chegou, porisso mesmo, a "experimentar o desejo de ir mais além". Pierre de Colombier, autor de uma "História da Arte", referindo-se às expressões estéticas da Arte Negra, salienta que "tal arte não poderia evoluir e é de presumir que teria continuado a desenvolver-se em produções tão perfeitas no seu gênero como até

ali, se o estabelecimento dos Brancos em África não houvesse profundamente modificado as condições de existência dos Pretos e aniquilado implicitamente essa arte que lhes estava adstrita". E acentua àquêle autor, mais adiante, que o que houve com a Arte Negra foi "aniquilamento e não decadência".

A verdade ali está, dita afinal por quem sempre a negou e en-cobriu. A Arte Negra, da África Negra, maravilhou seus descobridores, ou neo-descobridores. E ao passar adiante tris consigo todo êsse encantamento.

Artur Ramos e vários outros estudiosos, europeus e americanos, tecem elogiosas referências às realizações artísticas do Reino do Benin, do Dahomei, aos tesouros de arte destruídos ou saqueados pelos brancos numa repetição febril dos bárbaros acontecimentos que pulverizaram as duas maiores e realmente autôctones civilizações das Américas:

"As máscaras da Costa do Marfim, em particular as máscaras Dan, constituem, de certo modo, as obras clássicas da arte negra. Mostram elas, em grau elevadíssimo, o resultado de uma espécie de decanção do desnudamento, que deve ser antedatada e que nós não estamos em condições de acompanhar", afirma Pierre de Colombier. E mais ainda... "perante uma destas obras, logo experimentamos a necessidade de puxar dum lapis ou duma pena e de garantir no papel um esquema do que temos sob os olhos e que o artifice já reduziu aos seus elementos: os traços são representados com rigorosa simetria, enquanto os acidentes de forma desapareceram".

Com relação à Arquitetura, os negros bem pouco ou nada ofereceram aos estudiosos e pesquisadores da Arte Negra. Nesse particular, é de se supor que somente os africanos mediterrâneos, notadamente os do sul do Mediterrâneo, os muçulmanos, os mouros, nela se exercitaram. Realmente, os etnólogos belgas que penetraram em suas pesquisas até o interior do Congo, nada mais descobriram, além de calças de pintura para o rosto, tamboretos, copos e tambores esculpidos e desenhados com a originalidade de um indiscutível prazer estético, prazer estético êsse que se encontra "em forma latente em todos os membros da humanidade: — o que varia é o ideal de beleza" etc. (Franz Boas — Arte Primitiva).

Tudo êsse material que compõe a Arte Negra, material a que aludimos, e mais outro a que não fizemos a mínima referência, serve para refazer a impressão de que a Arte — ou as Artes — não estaria adstrita à noção corriqueira de civilização concebida e ventilada pelos brancos quando pretendem colocar-se acima das realidades humanas, servindo-se para isso de argumentos já bastante gastos e demoralizados.

A ciência e os homens, certos homens e certas ciências, vão aos poucos desnudando a verdade. A Arte é como o sol — nasceu para todos. A propósito, observa Robert H. Lowie que "a necessidade de desfrutar da beleza encontra-se profundamente arraigada no homem". Todos os povos devem ter tido ou terão ainda seu momento artístico, suas áreas de cultura mais ou menos floridas, com suas tendências obedientes ao meio físico. Os povos negros da África já teriam sido contemplados. Já deram, também, muito de si e ninguém de bom senso poderia sequer imaginar que um dia, devolvida lhes seja a liberdade, consigam deliberadamente ou não isolar-se para o renascimento da primitiva cultura africana. O mundo moderno não o permitiria. A ausência das distâncias; o vôo mais rápido que o som demoliu os mediantes, removeu os paralelos e eliminou, em consequência, as fronteiras do mundo, fundindo cada vez mais os povos, as raças, as idéias, o homem somático e psíquico. Mas ninguém poderá deixar de reconhecer, en-



Máscara Dan (Costa do Marfim) — África

trementes, no passado doutros povos e doutras nações a sucessão de acontecimentos que podem levar o continente africano à categoria de disputante, em futuro não muito remoto, do título de sede do mundo de amanhã.

Quando o escritor Francisco Garcia Calderon afirmou, no seu livro "A América Latina, seu Surto e Progresso", que "algum dia, o centro da civilização latina poderia ser transferido de Paris para o Rio de Janeiro ou Buenos Aires, os críticos acharam irrisória tal idéia". Naturalmente, nosso ponto de vista sobre o futuro da África pode ser recebido com o mesmo ceticismo. No entanto, não se pode prever qual o caráter das guerras futuras e o destino da Europa é cada vez mais negro. Ademais, a África é hoje um vasto e incontrolado celeiro muçulmano, com cerca de oitenta milhões de negros convertidos ao islamismo. E não importa que a civilização do ocidente contraste com a dos povos orientais ou orientalizados. Já tivemos, no passado, uma lição terrível: a invasão dos bárbaros, que lutaram e venceram o faustoso Império Romano.

Pode-se afirmar, desde agora, que a repetição da conduta humana está provocando justamente a transformação das palavras de Calderon em profecia. O Novo Mundo tende a absorver não somente a cultura latina mas também a civilização anglo-saxônica, dando a esta como sede Nova York, Washington e Montreal e Áquila o Rio de Janeiro, Montevideú, Buenos Aires e a capital mexicana. Essa absorção resultará das guerras intermináveis, das invasões abruptas, com destruições sistemáticas e outras calamidades, que provocarão, por sua vez, grandes migrações e deslocamentos vultosos da população do globo, em prosseguimento ao rumo primitivamente traçado pelos povos de língua ariana, para o sul, cruzando as civilizações asiáticas e mediterrâneas, ou "sempre para

não atuasse sobre os precursores das artes plásticas no Brasil, marcando-lhes indelevelmente a obra.

Apesar de ainda não ser de todo possível um levantamento completo da influência negra sobre as artes plásticas no Brasil, é fácil pelo menos sentir-se a sua presença, aquela "linha artística" no nosso patrimônio cultural. O próprio homem, o negro, sua conduta, seu temperamento, a bondade inata que tanto o distinguiu entre as três raças, aparece, depois de cientificamente estudado, como o elemento por essência mais valioso que nos veio da África. Fundindo-se, posteriormente, na figura inconfindível do mestiço, o negro se fez um tema rico, exuberante de tons e motivos; transformou-se e revelou-se um tesouro que, após ter sido desprezado e esquecido por longos e longos anos, se vê disputado na primeira linha dos elementos capazes de suscitar, de animar, de inspirar temperamentos e sensibilidades. Portinari encontrou no racial-social um problema em um tema que o fizeram atirar dos ombros o jugo das regras estéticas e realizar com "O Mestiço", com "Índia e Mulata" e com "Fredo da Enxada" uma obra artística eminentemente social, em dia com a realidade contemporânea. Luiz Jardim e Santa Rosa, colaborando ambos com Gilberto Freyre na ilustração de seus livros de sociologia, voltaram-se também para o rico manancial de assuntos que é o negro no Brasil. E de Lula Cardoso Aires, que fez do negro e seu folclore o mesmo que Vila Lobos e Nepomuceno fizeram, na música, com igual material, poder-se-ia dizer que é sobretudo um paisagista social e atribuiu-se-lhe a mesma expressão de Nabuco — "Os primeiros anos de vida foram, em certo sentido, os de minha formação, instintiva ou moral, definitiva" — tal é o espírito e tal a visão dos fatos da obra que vêm sendo realizados, fortemente apoiada em temas afro-brasileiros e na qual se sente, antes de mais nada, o homem do nordeste agucareiro e escravocrata, sofrendo a influência profunda do meio ambiente, da usina, do engenho e, conseqüentemente, do negro.

O patrimônio artístico do país só tem ganho com êsse tratamento. E o negro com êle se redime, trocando a posição indígnea dos primeiros retratos, das gravuras de Rugendas, pela posição atual que lhe dão aqueles artistas, negando-lhe o arqueísmo que a Sociologia, a ciência do século, condenou de modo inapelável.

Graças ao choque entre os valores sagrados, diz Roger Bastide, a arte africana no Brasil resistiu à contaminação do branco. Isto é, não se observou um antagonismo profundo entre o estado mental do homem branco civilizado e o do selvagem africano, no que trata à religião — o homem é antes de tudo um animal supersticioso e ambos, negros e brancos, tinham deuses e muita similitude na maneira de adorá-los. Os rituais e cultos diferiam na forma, mas nunca no fundo. O temor supersticioso revestia os fundamentos da adoração, confundindo-os, aproximando-os, e favorecia tanto a um quanto ao outro. Livros, sobretudo, de uma luta encarnada e sangrenta pela supremacia. Os choques, nesse particular, foram diminutos. A religião do branco, em sendo a religião oficial, poderosa e intransigente, abriu um crédito no ecletismo fetichismo negro. Ainda hoje há festas religiosas e tradicionais da Bahia em que se confundem num só matiz os rituais das crenças afro-romanas, por assim dizer. Tudo isso deve estar ligado à concepção universal de Deus: Deus homem, Deus coisa e Deus verdadeiro, o Criador. Ao Deus homem emprestam geralmente qualidades de Enviado,

de Mensias, de Mensageiro do Deus único e indivizível, o que prova uma idéia imperfeita a seu respeito. Exemplos dessa idéia imperfeita não faltam. Dos povos Lunda, disse Henrique de Carvalho: Estão convencidos, pois, estes povos, da existência de um poder invisível. E dos povos Ba-Nhameca e Ban-Kumbi, da África negra, sabe-se, segundo A. F. Nogueira, que, conforme os dialetos, êles designavam com o nome de Huco ou Suco, um Deus invisível que vê o que nós fazemos, que ouve o que nós dizemos, que sabe o que nós pensamos (José Osório de Oliveira — Literatura Africana). Outros povos têm seu Brahma, os macoetanos seu Profeta; os católicos seu Cristo e os negros africanos Xangô ou Eré. De qualquer maneira, porém, a idéia de Deus é inerente à condição e ao sentimento de inferioridade do homem desde que se mede com a Natureza. Para sentir a verdade dessa assertiva, tanto faz estarmos diante de um branco civilizado, culto e livre, como frente a frente com um negro selvagem, primata e escravo. E o Deus poderá ser uma árvore ou um rio, como acontecia entre os gregos da Beécia e da Ática, ou um dos elementos força da natureza, o sol, a lua, o trovão ou o raio, adorados por grande maioria selvagem dos povos primitivos do Brasil.

Vindos para o Brasil, os negros africanos conseguiram preservar da destruição preconizada pelo domínio físico e espiritual do senhor, o seu sentimento religioso. Aqui fez culto às suas divindades com desusada exaltação. Por mais de uma vez lutou com armas na mão para não se ver de todo privado dos seus "valores sagrados" (Roger Bastide — Psicanálise do Cafuné e Luiz Viana Filho — O Negro na Bahia).

Foi justamente aí, no agrupamento religioso, que se verificou a maior resistência estética da arte negra no Brasil.

Quando Artur Ramos publicou o "Negro Brasileiro", houve sociólogos que duvidassem da autenticidade de certas afirmativas contidas no livro. Principalmente as fotografias dos fetiches Esú, Eré e Xangô, entida-

(Continua na pg. 8)



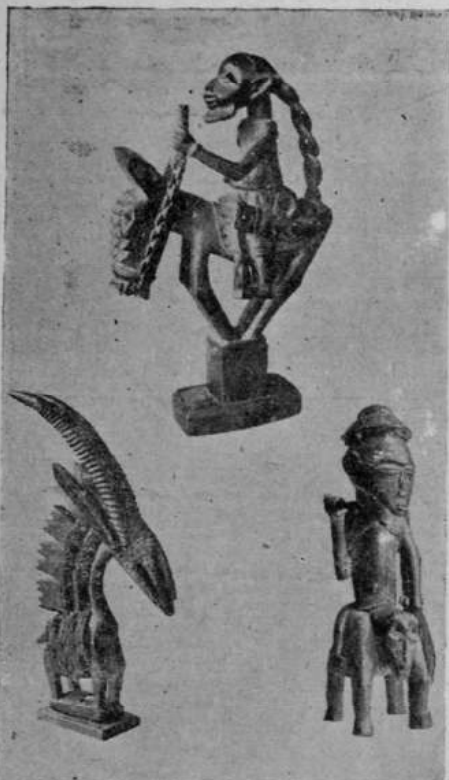
Xangô — Coleção Artur Ramos (Arte afro-brasileira)



Xangô — Coleção Artur Ramos (Arte afro-brasileira)

O negro e as Artes Plásticas

Continuação da pg. 7)



FETICHES (arte negra, africana)

se no sentido longitudinal, de extensão... "e não quis ir mais além". Contudo, ela reaparece adeante, transmutada sob a influência de outros fatores do novo meio. E quando a arte negra pode ser estudada ou analisada sob a forma inicialmente designada, de "linha artística".

Com o Aleijadinho em Minas Gerais, com Mestre Valentim, no Rio de Janeiro e Chagas, o Cabra, na Bahia, formou-se "o triângulo luminoso da arte colonial no Brasil, na escultura" (Carlos Rubens — Feg. Hist. das Artes Plásticas no Brasil). Todos eles eram mestiços, mulatos. O sangue negro corria nas veias. No Aleijadinho, possivelmente o mais brilhante de todos, vemos a preponderância de um dos traços mais acentuados e característicos da influência do homem de cor — a deformação (Roger Bastide — Ob. cit.). Ela aparece fluente em suas imagens, no exagero das formas femininas, nos seios das mulheres, nas pernas e nos olhos (exoftalmia) dos homens, particularmente nas proporções da cabeça.

Houve, mesmo, áreas geográficas onde predominou essa influência artística negra. Gilberto Freyre, Roger Bastide, Artur Ramos e outros estudiosos chamam a atenção para o barroco do Nordeste e de Minas Gerais, cheio de detalhes que realçam sobrenodo uma origem africana, sem ser exclusivamente mediterrânea, e que poderia ter vindo até nós pela mão etnicamente indefinida do português, já sob a influência africana dos contactos raciais prolongados, ou também através da mão de obra empregada na colônia, capaz de dar, aqui e ali, um pouco de sua personalidade nunca de todo adormecida.

O crítico Sérgio Millet, no seu livro "Pintura quasi sempre", serve-se do termo "material extra-plástico", referindo-se ao social como tema para a pintura, já aproveitado por Portinari e outros artistas de nossos dias. Ora, o complexo social no Brasil está profundamente ligado ao racial, o que quer dizer que o "material extra-plástico" reflete ou traduz, em essência, o homem brasileiro, a sociedade brasileira, a raça e a cultura brasileiras, todos mesclados fundamentalmente no negro.

des de candôble afro-brasileiro na Bahia, despertaram no sociólogo M. F. M. Obrecht, da Universidade de Gand, a dúvida de que Artur Ramos se enganara ao dá-los como obra bahiana, de negros e mulatos da Bahia contemporânea, quando tudo estava a indicar que se tratava de obras autênticas da arte negra, africana. O próprio Artur Ramos, refutando a observação de Obrecht, informou que se tratava realmente de "trabalhos feitos por negros brasileiros" que guardam a tradição africana, de seus antepassados Iorubá. Ainda hoje em certos candôbles da Bahia — continua esclarecendo — fabricam os negros, não só os seus objetos de culto, como instrumentos de música, atabaques, etc., muitos dos quais descritos no "O Negro Brasileiro".

Na resistência à contaminação do branco no agrupamento religioso, extinguiu-se a arte negra pura no Brasil. Isto é, extinguiu-se a arte negra pura no Brasil. Isto é, extinguiu-se a arte negra pura no Brasil.

Si tu veux le savoir, contemple ces tableaux. Regarde Egas-Moniz. L'œil ardent de colère, Ici du jeune roi, qu'il chérit comme en père, Il ramène au combat les soldats incertains Et regrette le trouble au cœur des Sarrasins.

21 — LES LUSIADAS DE CAMOENS. TRANSDUCTION PAR FERNAND D'AZEVEDO — PARIS. AILLAUD — 1870.

A tradução é feita em prosa, face a face com o texto português. Vem precedida de um esboço biográfico. A presente edição tem 539 páginas. As notas e comentários ao texto situam-se entre as páginas 375-385. Balizou Fernand d'Azevedo sua tradução pelo texto do Morgado de Mateus, "en y faisant quelques (notes) dont l'édition de M. Francisco Freire de Carvalho nous garantit l'utilité" (pg. III).

22 — LUSIADUM DE FREL THOMAS DE FARIA.

Esta é a única tradução latina integral da epopéia, publicada até hoje pois as outras reduziram-se a MS. Esta tradução datada de 1745 está incorporada no "Corpus Illustrum Poetarum Lusitanorum Qui Latine Scripserunt etc", tomo V. Pertenceu este exemplar ao Prof. Dr. José Joaquim de Oliveira Fonseca, o famoso "Fonsequinha", Professor da Faculdade de Direito do Recife e renomado filólogo. Teve oportunidade de enfrentar Ruy Barbosa quando da conhecida polémica entre Ruy e Carneiro Ribeiro. Estes artigos de jornal foram reunidos em opúsculo, sob título "Observações sobre as emendas do Sr. Senador Ruy Barbosa, com aditamento sobre a réplica" (Rio, 1904). O canto I apresenta uma vinheta gravada, em cobre, por Geronimo Rossi e desenhada por Pedro Perotti, representando Orfeu magnetizando as feras, não com uma lira mas, manipulando um violino. Cada canto vem seguido de notas esclarecedoras, também, em latim. A presente tradução estende-se até a página 378. Consta, ainda, de uma biografia e bibliografia do tradutor além de referências sobre a sua personalidade.

23 — LUSIADA DI CAMOENS TRANSPORTATA IN VERBI ITALIANI — ANTONIO NERVI — ANNO 1814 — in 12°.

A primeira tradução italiana dos Lusíadas deve-se a Carlos Antonio Paggi e foi impressa em 1858, também, em formato in 12°. A tradução de Nervi não apresenta nem notas, nem glossário, nem argumentos. Há, apenas, uma advertência com o título "Il traduttore a chi legge". Ai escreve: "non è questa la prima traduzione, ed altra m'ha preceduto di più d'un secolo, ma secondo g'intelligenti, poco felice". Refere-se certamente a tradução de Paggi. Mabili informa na sua "Lettre a L'Académie Royale des Sciences de Lisbonne sur le des Lusíadas", Paris, 1826, que a tradução de Paggi é "la plus mauvaise, sans aucun doute, de toutes les traductions des Lusíadas que nous avons dans les différentes langues de l'Europe" (foote. nota, pg. 6). A tradução de Nervi é em oitava rima italiana. Na opinião de um tradutor de Camões para o castelhano, D. Lambero Gil, há uma tradução italiana que foi publicada antes de 1609 "y debio ser la primera en este idioma". Jorumenha (vol. I, pg. 258) fala que "o livreiro Diogo Fernandes, na sua dedicatória da edição dos Lusíadas de 1609 a D. Rodrigo da Cunha, fala em uma tradução italiana". Jorumenha faz apenas este curto comentário à edição, ora em estudo: "não traz notas". Alonga-se, todavia, quanto a segunda edição, saída em 1821. Igualmente sóbrio é Adamson (vol. II, pg. 157).

24 — LOS LUSIADAS POETA EPICO DE LUIS DE CAMOENS. QUE TRADUJO AL CASTELLANO DON LAMBERTO GIL — TOMO I — MADRID — 1818 — IMPRENSA DON MIGUEL DE BURGOS.

Esta edição consta de três volumes. No primeiro encontramos o "prologo del traductor" (pgs. 5-14); uma biografia do Poeta (pgs. 15-36); "Juicio critico de los Lusíadas" (pgs. 37-80) e "Viaje de Vasco de Gama a la India" (pgs. 81-104). Neste primeiro volume estão os cinco primeiros cantos. Notas pg. 299-383. O segundo volume contém os cinco cantos restantes e respectivas notas. Os sonetos, eglogas, rondelias, sextinas etc., formam o conteúdo do terceiro e último volume. Nem todas as produções líricas foram traduzidas. Dos sonetos to-

maram a forma catelhana apenas noventa e seis. Aliás, no prólogo do terceiro volume há esta advertência: "Quedan sin traducir algunas otras bellissimas, que deberan leer en el original los que quieran penetrarse bien del mérito de este fecondissimo escritor". O autor da Camoneana da Biblioteca Nacional diz que "esta edição já se vai exaurindo. Apontam-se aqui e ali alguns exemplares delas". Jorumenha acrescenta "apesar de ser uma tradução moderna do século atual, contudo vi um exemplar na biblioteca do falecido advogado Rego Abranches, hoje dos herdeiros de Joaquim Pereira da Costa, e consta-me que também começa a ser rara em Madrid" (volume I, página 229). Estas referências bastam para dizer do valor do exemplar agora analisado.

25 — LOS LUSIADAS — traducción de conde de Ceste — Madrid — 1872.

Edição sem mérito, sem notas e sem glossário. Cada canto vem precedido de um argumento em prosa.

26 — DIE LUSIADEN DES LUIS DE CAMOENS VERDEUTSCHT VON J. J. C. DONNER — STUTTGART BEI CHRISTIAN WILHELM LOEFFLUND — 1833.

E' dedicada ao Rei Guilherme, de Wurtemberg e foi traduzida em oitava rima Alemã, Deutsche Ottaverime. Na página 379 estão as diversas notas referentes aos cantos.

27 — DIE LUSIADEN — NACH JOSE DE FONSECA'S PORTUGIESISCHER AUSGABE IM VERSMAASSE DES ORIGINALS UEBERTRAGEN VON F. BOOCH-ARKOSSY — LEIPZIG — 1854.

Edição da biblioteca está desfalcada de uma estampa representando o Poeta. Após o "Vorwort des deutschen Herausgebers" vem o estudo crítico de Barreto Feio e G. Monteiro, também, traduzido para o alemão. Trata-se da versão tedesca do "prólogo" que se encontra na edição de 1834, tirada em Hamburgo, na topografia de Langhoff e que já estudamos. Jorumenha, ao que parece não teve em mãos esta edição pois, ao escrever que ela "é precedida de uma longa e erudita introdução histórica", devia ter verificado, estar diante de uma versão alemã do prólogo, de Barreto Feio. As notas e glossário vêm no fim. Anota-se ainda a biografia do Poeta e texto de Damião de Góis sobre a viagem de Vasco da Gama, traduzido da Crônica de D. Manuel.

28 — LUSIADERNE — HJELTEDIKT AF LUIS DE CAMOENS — 1852.

E' a tradução sueca de Nils Loven, o primeiro tradutor nórdico de Camões. A tradução de Carlos Larestron, de 1838, restringiu-se ao Canto I. Notas explicativas a partir da pag. 373.

29 — OS LUSIADAS DE LUIS DE CAMOES — EDIÇÃO CRÍTICA — COMEMORATIVA DO TERCEIRO CENTENÁRIO DA MORTE DO GRANDE POETA. PUBLICADA NO PORTO POR EMILIO BIEL — TYPOGRAPHIA G. ESECKE & DEVRIENT — LEIPZIG — MDCCCLXXX — 40 cm. X 31 cm.

Esta edição é oferecida a Pedro II cujo retrato segue-se logo após a efígie do Poeta desenhada por Burger e gravada por Neumann Pichel. Introdução de José Gomes Monteiro. Cada Canto é precedido de ilustrações fora do texto. Notas no fim do volume. Rica e cuidadosa encadernação da própria casa editora.

30 — POEMS, FROM THE PORTUGUESE OF LUIS DE CAMOENS; WITH REMARKS ON HIS LIFE AND WRITINGS. NOTES, & BY LORD VISCOUNT STRANGFORD — ACCIPIES MEROS AMORES — CATULL — THE SECOND EDITION — LONDON — 1804 — PRINTED FOR J. CARPENTER.

A "editio princeps" é de 1803. O retrato do poeta, ao que parece, não surgiu nesta edição. E' oferecida a Denham Jephson. A este respeito informa Jorumenha referindo-se à edição d'1803: "Traz um retrato do Poeta e depois umas armas juntamente com a dedicatória, as quais não sei se pertencem ao Lord ou à pessoa a quem é dedicada a tradução". Consta esta edição de uma notícia histórica "Remarks on the Life and Writings of Camoens (pgs. 1-39) e da tradução de vários poemas. Dos Lusíadas apenas foi traduzida a estância 38, do canto VI, pgs. 108-115), onde as páginas pares são o original. As notas explicativas estão às pgs. 119-160.

A Camoneana da Biblioteca

(Continuação da página 4)

20 — LE SUIADES POEME DE CAMOENS TRADUIT EN VERS PAR F. RAGON — DEUXIEME ÉDITION REVUE ET CORRIGEE — 1850.

Nada mais, nada menos que uma cópia da 1ª edição, aparecida em 1842, é esta edição de 1850. Nota explicativas no fim. Muito embora o Tradutor diga que sua versão se garante sob o signo da fidelidade, acrescenta à pag. VII do Prefácio: "Cependant, men travail terminé, il m'a semblé que le poeme gagnerait au retranchement de certains passages évidemment defectueux que j'ai renvoy-renvoyés dans les notes. J'espère que je n'en serait point blâmé". Com isto não se con-

formou outro tradutor de Camões Fernand d'Azevedo que à pag. II, ed. 1870, do seu "Avant-Propos" recrimina: "Que dire de la traduction, en vers, de M. F. Ragon, qui se permet de couper dans le courant du poeme les passages qui lui semblent defectueux, pour les renvoyer dans ses notes? Pas de commentaires n'est ce pas? Camoens mutilé, corrigé par son traducteur". Pedido aponta, do, como mostramos nos tradutores ingleses por Nabuco. Num rápido cotejo que fizemos, confirmou-se a acusação de Fernand d'Azevedo. A título de amostra reproduzimos a tradução da estância XIII, do canto VIII, muito alheia do original:

Voilà quels sont nos rois. Quels furent les vassaux,

GRANDES MOINHOS DO BRASIL S. A.

"MOINHO RECIFE"

FARELO DE TRIGO

OLINDA

RAÇÕES BALANCEADAS:

Avevita
RECIFE

Bovinovita

Equinovita

Suinovita

PERNAMBUCO



ZULMIRA MORTA

Penso comovidamente;
Penso amargamente em Zulmira morta,
Abandonada pelos homens
Pois seu corpo já recebeu a estranha marca da Eternidade

Penso em Zulmira, morta em seu leito de prostituta,
Sem ter quem a leve para o cemitério
Porque os que a possuíram se envergonham, agora,
[da companheira,
No momento preciso em que ela deve atravessar as
[ruas da cidade
Redimida e distante de seu próprio corpo

Penso em Zulmira morta,
Com o rosto transfigurado e o corpo vazio,
Cercada pelas últimas companheiras

De igual pobreza e de igual destino,
Com o sangue escorrendo-lhe do seio,
Onde a maldade do amante penetrou a afiada lâmina

Penso em Zulmira morta,
Em Zulmira que fôra tanta ternura para os soldados,
Para os marinheiros;
Alvas mãos protegendo os êbrios;
Meio coração dividido com os abandonados

Penso em Zulmira morta como pensarei no futuro dos
[filhos,
Como se ela fôsse um objeto indispensável para a
[viagem,

Uma flor para o jarro,
Sal ou luz

Penso em Zulmira morta
E me penitencio por ter sido mancha em sua alma,
Acréscimo em sua sordidez,
Mutilação em seu amor;
Quando poderia ter sido o seu guia
Nas encruzilhadas misteriosas de Deus

Penso em Zulmira morta!

Que este poema não seja
Um simples comunicado ou a notícia indiferente!
Que este poema seja mais do que a elegia do amigo
Ou a lembrança do soldado!
Que este canto de ternura e remorso
Seja lágrima e flor,
Humilde inscrição em sua lápide!

(1849)

O FILHO

Lenôra tão nova
Tão nova e tão loura
Desgosto na face
Um filho no corpo
De pai navegante
Um filho sem nome
Só feito de angústia
Gerado na noite
Do frio abandono

Promessa ela teve
De amor e assistência
Um lar bem tranqüilo
Em troca do corpo
Que ainda não fôra
Por outro habitado

Menina infeliz
De loura beleza
Ingênua donzela
Sem marcas do mundo
Aceita o convite
Do homem do mar

Vestido de onda
Fugaz como o vento

Lenôra tão nova
Tão nova e tão loura
E hoje na vida
Por esse mistério
A mãe dolorosa
Imagem do pranto
Que carne se fez
Pedaco de dor
Que gera no sangue
O filho inditoso
Da louca maldade
Com sua inocência
Só feita de sonhos

Lenôra tão nova
Tão nova e tão loura
Um filho no corpo
De pai navegante

(1948)

A VIRGEM DESNUDA

Nas águas do mar
Profundas e verdes
Que quebram na praia
Em alvas espumas,
Ocorre um mistério

Um corpo desnudo
De jovem donzela
Passeia nas águas
Nas noites de escuro
Juntando nos braços
Nos braços lascivos
Pedacos de corpos
De corpos sem vida
Que vivem a boiar
Estranhas cabeças
De louros marujos
Pedacos de pernas
E mãos decepadas
Cabelos lavados
Nas águas salgadas
Em paz com as algas
E os bichos marinhos

A jovem donzela
De corpo desnudo
Procura nos mares
Nas noites de escuro

O jovem marujo
Que foi o motivo
Do seu suicídio

Recolhendo as partes
Dos corpos que acha
Perdidos nas águas,
A virgem desnuda
Com sal e com peixes,
Procura em seu corpo
Fazer outro corpo
Que seja o primeiro,
Que tanto procura

Nas águas do mar
Profundas e verdes
Que quebram na praia
Em alvas espumas,
Ocorre um mistério

Inquieta donzela
De corpo desnudo
Passeia nas águas
Procura nos mares
Um jovem marujo
Perdido nas ondas

(1947)



CANÇÃO DO ARQUIPÉLAGO

Das Cinco Chagas de Cristo
Emergiu o Arquipélago
Das almas desesperadas

Do lado esquerdo de Cristo
Desfizeram-se os limites
E cresceu o Arquipélago
Em proporções e na dor
De tal maneira cresceu
Que um lugar, hoje, não há
Sem ilha de sofrimento

Da frente viva de Cristo
Ferida pelos espinhos
Os habitantes nasceram
Povoaram o Arquipélago
De muitas almas sangrando

Na mão direita de Cristo
Rasgada no tóssio lenho
Luz de sangue alumiou
Aos nautas tão confundidos
A rota certa, o caminho
O retorno do Arquipélago.

Dêsse tão vasto Arquipélago
De tanta gente algemada
De corpos tão mutilados
Soprados pelo mistério
Do infortúnio e da dor
Escuto a nossa canção

É o canto universal
Da delinqüência infantil
Gemidos de suicidas
Gritos de moças donzelas

P O E M A

Eu lembro neste poema o desespero da solteirona,
Da mulher melancólica que assiste sozinha,
Da janela já sem esperança ou do leito vazio,
À passagem do tempo; do tempo que se transforma
[em rugas no seu rosto
Do tempo impiedoso que a amedronta e que a leva
[para o espelho,
O espelho que revela no silêncio e na dor, os primeiros
[cabelos brancos,
O medo de ficar só, que é muito pior do que o medo
[da lepra,

Eu lembro neste poema, o heroísmo da solteirona que
[fez a resistência da castidade
E nunca se prostituiu em gestos ou em pensamentos
E foi uma enganada pelos homens,
Pelos homens que não sentiram a mínima repercussão
[de sua tragédia,

Eu lembro o sofrimento da solteirona que olha nos filhos
Das amigas de infância e nos filhos de suas próprias
[irmãs,
Os filhos que seriam seus, nascidos também de seu
[sangue e de sua carne,

Eu relembro o desespero "da mulher que pensou em
[ser mãe e só foi meretriz"
Mas eu lembro, sobretudo, o desespero maior da que
[não foi nem meretriz
A solteirona que sente a mocidade fugir do seu rosto,
[se desprender do seu corpo com amarga violência,
Como um cirio que se acaba consumindo-se pela sua
[própria chama,
A solteirona que se abandona à janela, em vagos de-
[sejos de morte,
A consoladora de todos aflitos.
A solteirona que juntou nos sentidos e na alma, as
[mais ternas carícias,

Para o espôso tão ansiosamente esperado,
E senti seus gestos de amor projetarem-se no ar,
[inutilmente, sem eco,
Como uma fotografia, parada, e depois se fizeram lá-
[grimas e desespero depois.

Aos homens que passam distraídos pela rua,
Peço um momento de atenção, um aceno, um parti-
[cular interesse
Para a solteira que está à janela, inutilmente.

Aos homens que passam apressados, para os negócios
[ou para casa,
Sobrassando embrulhos, pastas, ou mesmo, sem nada,
Eu peço que parem um pouco, e esqueçam os negócios
E beijem a face da solteirona e toquem seu corpo
Que ele rebentará num cravo vermelho, sangrando de
[seiva e de vida
(Os sentidos estavam apenas abandonados!)

Aos padres confessores, peço clemência para os pensa-
[mentos e os gestos da solteirona

Porque Deus sabe muito bem que ela é sozinha.

(1948)

Pedindo filhos a Deus
A ronda das prostitutas
Em toda beira de cáis
Fetos tirados do ventre
E nas sargetas jogados
O choro convulso, ardente
Até dos orfãos adultos

A fome perturbadora
Projetando a sua imagem
Nas torres da catedral
No vale, o lírio já murcho
Pisado pelos tacões

Das más hordas sucessivas
O sonho gasto da jovem
Aprovada no concurso
Que espera inutilmente
A justa nomeação

É o canto universal
Que todos ouvem em surdina
Que vem de baixo da terra
E se esfazela no céu
Constituindo-se em ilhas
Do vasto, imenso Arquipélago.

(1951)

Poemas de Guerra de Holanda



FABRICA DE LATAS PARA GAZOLINA, QUEROZENE, OLEOS E QUAISQUER OUTROS TIPOS

FONE : 2575 — RUA DA AURORA, 1343

CARAMELOS, CHOCOLATES, BOMBONS, MASSAS ALIMENTÍCIAS, COLORAU,

CANELA, CUMINHO E TEMPERO :

LITOGRAFIA — TIPOGRAFIA — ESTAMPARIA

RENDA, PRIORI & CIA.

MATRIZ: RUA FE. MUNIZ, 127/139 Fones: -ESCRITÓRIO 6025 - SEC. GRAFICA 6777

FILIAIS: BELEM-PARA — Caixa Postal, 650 — SALVADOR-BAIA - Caixa Postal 238

END. TELG. "RENDA"



O suplemento literário do "Jornal do Comercio" vem publicando, há alguns meses, desenhos de uma nova artista. Trata-se de Beatriz Melo, aluna da Escola de Belas Artes, e autora do desenho que estampamos acima, especial para NORDESTE

Vitorioso 100%!



JÁ SE ENCONTRAM EM EXPOSIÇÃO

Os Novos Modelos 1952

VENDAS COM FACILIDADE DE PAGAMENTO

Distribuidores exclusivos para ALAGOAS, PERNAMBUCO, PARAIBA E RIO GRANDE DO NORTE

JOÃO C. TAVARES DA SILVA

Agência - Seção de Peças - Oficinas: RUA DO MUNIZ, 162

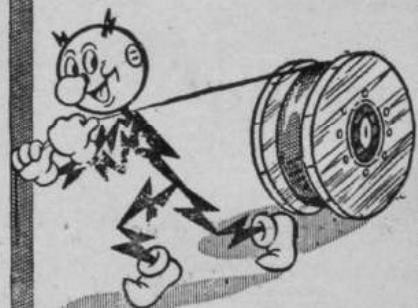
Telefone, 6638 — End. Teg. DASILVA

RECIFE — PERNAMBUCO

6 LITROS POR 100 KM
90 KM POR HORA

4CV **RENAULT**
um carro que sobe!

QUANTO PESA 1 QUILO DE FIO DE COBRE ?



NO MEU ORÇAMENTO É 100%, MAIS PESADO DO QUE HÁ DEZ ANOS!...

— Como todos os materiais que minha Companhia emprega em seus serviços, o cobre não fugiu á regra. Seu peso é, evidentemente, o mesmo, mas, pelo que atualmente custa, faz aumentar de muito as despesas da minha Companhia! E, já imaginou quantos quilômetros dêsse fio temos estendidos nesta cidade? — pergunta "Seu" Kilowatt o criado elétrico.

PERNAMBUCO TRAMWAYS AND POWER CO. LTD.

CANTATA DO CAFÉ

Campomizzi FILHO

Comemora-se neste julho o segundo centenário de Bach. E de todas as partes surgem louvores à obra imortal do mestre, ouvindo-se em grandes festividades as partituras daquele que transpôs à sua música um mundo de glórias que vem em estas centenas de anos com um mesmo esplendor de novidade e de beleza. Interpretando os sentimentos da alma, fazendo com que os homens se compreendessem melhor na sublimidade de suas obras, o mestre deixou uma herança das mais expressivas, como se a sua arte fosse toda uma oração de ternura elevada aos céus em doce enlévo.

Há muito de suavidade cristã nas músicas de Bach. O próprio autor parece revivido na paz inspiradora de sua obra, voltando-nos a um misticismo de nave santa, contornando-nos o espírito com as grandezas de uma melodia que fala profundamente como palavras mágicas de breviário.

Latinos, amigos da música que tanto nos comove e tanto nos encanta, este centenário de Bach não passa despercebido aos meios culturais do país. E isso principalmente por uma dívida de gratidão para com o mestre. Uma das suas mais simpáticas composições, daquelas que mais lirismo demonstra, como se dos uma ternura de perfumasse nos acordes tome, uma das óperas do mestre canta o nosso principal produto agrícola, fazendo-lhas ao café numa época de incompreensão das altas qualidades benéficas da rubiácea.

O gênio de Bach conseguiu vencer as distâncias do tempo. E é próprio antecipou-se no espaço, atingindo o futuro como um predestinado às glórias imperecíveis. Na história da música, seu lugar é de maior destaque, revolucionando a arte com uma produção perfeita e jamais ultrapassada, maravilhando os séculos e admirando as gerações.

O estro de Bach elevou as grandezas de nossa pátria, cantando em altos tons as virtudes do "coffea brasiliensis". E num período em que nosso país não passava de esquecida colônia lusa, já o compositor alemão exaltava a rubiácea

que havia de ser a mais importante riqueza nacional, louvando-lhe os méritos quando pesava por sobre a infusão bendita uma injusta campanha de descrédito.

Em sua célebre "Cantata do Café", representada em Nova York, publicada em Leipzig em 1732, Bach em Francfort e mais tarde nos fala a história de uma jovem que se tornou amiga do café, usando-o constantemente pela satisfação que lhe davam o bom gosto e a fragrância agradável da bebida. O pai, aflito, quer por todos os modos tirar-lhe tal hábito. Entretanto, seus esforços são baldados, pois a moça não cede nem mesmo aos rogos de toda a família. As próprias ameaças são vãs. E somente a promessa de que o pai lhe arranjaria um casamento fez com que a moça promettesse deixar de tomar café. Mas quando o velho sai em busca do prometido candidato à mão da filha, esta secretamente faz um voto de só se entregar àquela que, no contrato nupcial, se compromettesse a deixá-la usar o café quando lhe aprovesse.

A "Cantata do Café" é das peças de Bach uma das mais sublimes. A doçura dos sons é mesmo um poema encantador deliciando os ouvidos. Emoções agradáveis se despertam à suavidade da música. E se há lirismo cristão na obra do mestre, esse também existe na "Cantata do Café", como se as frutinhas vermelhas dos cafeeiros frondosos, como afirma a lenda singela, fossem de fato uma lembrança das lágrimas de Jesus no monte das Oliveiras.

Basilio de Magalhães, historiador patricio, traduziu as palavras da ópera. Mas parece que a edição esgotada não bastou para trazer à partitura a repercussão merecida. E neste segundo centenário de Johann Sebastian Bach, é preciso fazer ressurgir-lhe a obra, pois será essa mais uma das forças tornando-o cada vez mais amado e mais admirado da gente brasileira. Será ainda uma justa homenagem a quem, ouvido em dois séculos por todos os povos, nem por isso perdeu as suas características de perfeição e de atualidade.

A música de Bach se apresenta como estrofes de harmonia. Une os homens numa comunhão fraternal de amizade e de carinho, como se o tom de prece tivesse o condão mágico de aproximar a todos na admiração da arte pura. E o cafezinho também é força ajuntando as famílias no abraço terno da refeição matinal. É saudação de hospitalidade no desejo de um novo dia feliz. Bach exaltou o café. Foi, por antecipação, um pouco de louvor à nossa terra. E hoje, os cafeeiros floridos enchendo a paisagem, quando a brisa leve baloia as folhas verdes, a sua música imortal parece extravasar-se ainda como uma canção de amor.



O romancista SOMERSET MAUGHAM, autor de «A casuarina» e «Seis Novelas», traduzidas pela Editora Globo. O retrato acima figurou numa galeria de arte de Londres.

21, Dezembro-INAUGURAÇÃO

21 DE DEZEMBRO DA

FEIRA DE AMOSTRAS DO RECIFE

Sob o patrocínio da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio

ANEXA A

XV Festa da Mocidade

319 Expositores! 319 Expositores!

PAVILHOES:

INDÚSTRIA E COMÉRCIO
USINAS DE PERNAMBUCO
AGRICULTURA
AUTOMÓVEIS E MAQUINAS
DEPARTAMENTOS ADMINISTRATIVOS
MUNICIPALIDADES

Uma demonstração viva das nossas possibilidades econômicas! Uma revelação das atividades governamentais! A FEIRA DE AMOSTRAS DO RECIFE, instalada numa área de 35.000 mts., é um grande empreendimento da mocidade pernambucana, é uma organização que orgulhará ao povo de Pernambuco!

Visitem os pavilhões da Feira de Amostras do Recife e admirem os magníficos Stands instalados ali.

Um mundo de luz! Um mundo de alegria!
Um mundo de grandes atrações!

21 de dezembro —

INAUGURAÇÃO

21 de dezembro

FEIRA DE AMOSTRAS DO RECIFE

USINA SERRO AZUL

Inscrição n. 54 — (PALMARES)

JOSÉ PIAUHYLINO GOMES DE MELLO

Escritório:

Rua da Assembléia n. 67 - Térreo - Ed. São Gabriel

Fone 9322 - RECIFE - PERNAMBUCO

CASA BRANCA

... os mais lindos tecidos ...

RUA DUQUE DE CAXIAS, 216

M. L. CAMPOS & CIA.

Fone 6695 - Inscrição n.º 3740

RECIFE — PERNAMBUCO

V JORNADA BRASILEIRA DE PUERICULTURA E PEDIATRIA

Homenagem da Cia. de Tecidos Paulista S/A., aos componentes da V Jornada — Aspectos curiosos da visita ao famoso "Haras Maranguape" — Batendo papo com o craque Mossoró — Discurso do professor Hector Vasquez, da Universidade de Buenos Aires — Notas.



Policlínica Anna Elisabeth — Cia. Tecidos Paulista S.A.

O Recife hospedou, há dias, grande número de cientistas, médicos puericultores e pediatras, assistentes sociais e outras pessoas empenhadas na solução dos problemas da criança, e que aqui se encontravam como participantes da V Jornada Brasileira de Puericultura e Pediatria, congresso médico que alcançou repercussão em todo o país e no estrangeiro. Dos vários Estados da Federação brasileira, bem como doutros países do continente e da Europa, acorreram renomados especialistas, como os professores Martagão Gesteira, diretor do Departamento Nacional da Criança, e Raul Briquet, de São Paulo; da Argentina, o professor Vasquez, autor de trabalhos já mundialmente conhecidos sobre o tratamento da epilepsia na criança; o professor Giovanni de Toni, da Itália, catedrático da Universidade de Génova, e o professor Salazar de Sousa, de Portugal, um dos nomes mais cortejados da moderna ciência portuguesa, pesquisador dos mais apaixonados, catedrático da Universidade de Coimbra, e detentor de vários outros títulos que representam, no campo de suas atividades, indiscutível consagração.

Aos participantes da V Jornada foi proporcionado um interessante programa social, constando de banquetes, shows, carnaval, visitas a lugares históricos, etc., iniciativa dos organizadores da Jornada com a ajuda de firmas comerciais e industriais do Recife.

A Companhia de Tecidos Paulista S/A., que acêrca de meio século serve a Pernambuco e ao Brasil, com suas fábricas e lojas intervindo decididamente na economia do país, promoveu uma visita dos jornalistas ao parque industrial da cidade de Paulista, onde a mão do homem vem tornando realidade o propósito de compreensão entre o capital e o trabalho, obra verdadeiramente gigante da família Lundgren, atualmente à frente o Comendador Artur Lundgren.

Partindo do Grande Hotel, numa frota de ônibus posta à sua disposição pelos diretores da Companhia, os jornalistas rumaram para aquela cidade, onde foram recebidos pelo Comendador Artur Lundgren, pelos snrs. Manuel Pinto e Hercilio Celso, por pessoas da localidade e populares. A primeira visita foi feita à Policlínica Ana Elisabeth, moderníssima realização da Companhia de Tecidos Paulista S/A., em favor de seus empregados. Em seguida, a comitiva de visitantes

esteve na suntuosa e original igreja, que se ergue no coração da praça pública, outra iniciativa da Companhia. Ai, as senhoras tiveram ocasião de fazer suas orações e de observarem detalhes da magnífica obra arquitetônica, constituída com tijolos vermelhos de friso branco de fabricação da Companhia, em Rio Tinto, distrito do município de Mamanguape, no Estado da Parahyba. Vivamente impressionados com a moderna aparelhagem da clínica Ana Elisabeth e demais realizações da Companhia Paulista S/A., nos campos social e moral, os ilustres visitantes tiveram palavras de encômios ao espírito empreendedor do seu atual chefe, Comendador Artur Lundgren, cuja ação preferentemente se desenvolve no setor da assistência à maternidade e à infância.

No "Haras Maranguape", campo de criação de cavalos de corrida, os excursionistas tiveram oportunidade de satisfazer a curiosidade que os dominava desde a saída do Recife — conhecer o famoso puro sangue Mossoró, cujas vitórias no exterior e no Brasil o consagraram como um dos maiores craques nacionais. Fotografias foram tiradas, com senhoras, senhorinhas e médicos abraçando ao manso puro sangue brasileiro, propriedade e orgulho do Comendador Artur Lundgren, que, aproveitando a oportunidade, resolveu batizar um dos últimos rebentos do seu afamado "Haras". Para padrinho foi escolhido o ilustre médico português, professor Salazar de Sousa, que ao potrinho chamou "Hope".

Encerrada a visita ao "Haras", aos congressistas foi oferecido, no clube de tênis, um lanche de frutas típicas pernambucanas. Na ocasião, falou em nome dos visitantes o professor Hector Vasquez, da Argentina, cumprimentando o realizador de tão magníficas obras de assistência social e econômica, Comendador Artur Lundgren.



O professor Hector Vasquez, da Argentina, apreciando frutos regionais, no Clube de Tênis de Paulista



O comendador Artur Lundgren recebe os cumprimentos do prof. Salazar de Souza em Paulista — Pernambuco

NO IV CONGRESSO DE ESCRITORES BRASILEIROS

(Continuação da pg. 20)

PROCLAMAM, perante a nação, independente de tendências de qualquer natureza, a sua crença firme e inabalável de que tão altos objetivos somente poderão ser alcançados mediante a aceitação dos seguintes princípios:

- a) — repúdio absoluto a todos os sistemas de intolerância, ocorridas no Brasil e em outros países, por delitos de opinião;
- b) — repulsa a todas as condenações de escritores e jornalistas, ocorridas no Brasil e em outros países, por delitos de opinião;
- c) — oposição, nos termos do art. 141 da Constituição Brasileira, a quaisquer manifestações tendentes à propagação de guerra ou à subversão violenta das instituições, como contrárias à evolução natural e pacífica dos povos;

d) — condenação sistemática e indistinta a todas as lutas de conquista que visam a dominação cultural, política ou econômica e impedem, dessarte, o princípio de auto-determinação dos povos;

e) — aceitação dos regimes fundados à base do sistema representativo, da organização pluri-partidária e da concepção democrática da vida;

f) — transformação pelas grandes potências dos orçamentos de guerra em orçamentos de paz, a fim de evitar o perigo de um novo conflito e assegurar, deste modo, o bem-estar social e o progresso cultural dos povos;

g) — realização de um amplo entendimento entre todos os países no sentido da superação da crise atual e na criação de

condições efetivas para uma paz justa e duradoura;

h) — colocação dos engenhos científicos e das riquezas minerais de cada país, não como instrumento de destruição e de guerra, mas como elementos capazes de assegurar o progresso dos povos e a sobrevivência da cultura e da civilização.

Assinados) — Andrade Lima Filho, Cesário de Melo, Carlos Moreira, Aderbal Jurema, Luiz Beltrão, Laurénio Lima, Jonas Ferreira Lima, Edson Regis, Ismar de Moura, Jordão Emerenciano, Altamiro Cunha — de Pernambuco; Waltensir Dutra, Edson Moreira, Fábio Lumas, Vera de Castro, Laís Corrêa de Araújo, Afonso Aylla, José Maria Casassanta — de Minas Gerais; Antônio Glório Barroso, Mozart Soriano Aderaldo, José Stênio Lopes — do Ceará; Igor Tendório, Hilton Paranhos e José Pinto Góis — de Alagoas; Arquimínio Ornelas — da Bahia

ESCOLA PROFISSIONAL BENVENUTO LUBAMBO

REDE FERROVIARIA DO NORDESTE

FINALIDADE — A ESCOLA PROFISSIONAL FERROVIARIA BENVENUTO LUBAMBO, de Jaboatão tem por fim a formação técnica do pessoal para as oficinas da Estrada, abrangendo os seguintes officios: serralheiros, operadores mecânicos, caldeiros, ferreiros, fundidores, soldadores, electricistas, carpinteiros e marceneiros.

ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO — A ESCOLA PROFISSIONAL funciona sob as diretrizes da SECÇÃO DE TRANSPORTES DO SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL que orienta cursos semelhantes em outras Estradas do país.

A direção e o controle imediato da ESCOLA estão a cargo do SERVIÇO DE ENSINO E SELEÇÃO PROFISSIONAL DA ESTRADA.

O Curso terá a duração de três anos e consta de trabalhos metódicos de aprendizagem e de aulas teóricas. As aulas são ministradas de manhã e a aprendizagem à tarde, em oficina especialmente destinada a esse fim.

Os trabalhos de aprendizagem são completados por estágio de observação na OFICINA GERAL DA ESTRADA.

Durante o Curso, são dadas também aulas de Higiene e Educação Física, acompanhadas de assistência médica.

VANTAGENS

- 1.º — O aprendizado é metódico e seriado de modo a formar o artífice hábil e capaz de seguir os progressos da técnica.
- 2.º — O Curso é completamente gratuito e os alunos ganham diárias progressivas, de acordo com o aproveitamento demonstrado.
- 3.º — Os alunos diplomados ingressarão nas oficinas da Estrada como candidatos para vagas de officiais depois de dois anos de aprendizagem.
- 4.º — Os alunos gozarão de redução nas passagens e terão passe livre durante as férias.



Aspecto fotográfico da escola profissional em pleno funcionamento

☆
Costa Carvalho tentou, quasi quichotescamente, evitar. E' com a maior ternura que Cardozo se refere às coisas e à paisagem de nossa cidade natal: às nossas praias, às suas aldeias de pescadores, aos seus coqueiros, jangadas e barcaças, a todo um povo heróico e humilde. Fala-me ainda em sitios que, nos seus tempos de adolescente, possuíam árvores que hoje tornaram-se raríssimas mesmo nos subúrbios mais distantes do Recife; em sitios que possuíam muitos pés de ubata, de jaboticaba, diferentes

☆
espécies de jumbo e de cajás, nos pés de canela que estão desaparecendo, no antigo jardim de Olinda onde existiram espécies de árvores muito raras... Suas palavras também me levam ao passado, para o meu tempo de criança na casa do meu avô. Possuíamos em nosso grande sitio cajueiros, fruta-pão, cameleira, guabirabas, mangueiras famosas de Itamaracó: popo-roxo, maçã,

☆
(Continuação da pg. 15)

carlota, bola de ouro, jasmin, e uma grande variedade de mangas conhecidas apenas pelo nome de mangas comuns. Possuíamos em nosso sitio jumbo, graviola, condessa, pinka, azeitonas, pitanga, abio, sapotis, goiabas, araçá e outras frutas mais ou menos silvestres.

Penso agora, melancolicamente, em nosso velho sitio. Penso nos inúmeros sitios do Recife que tiveram suas belas e raras árvo-

☆
res derrubadas. Penso nas diferentes espécies de mangas designadas pela palavra comum: manga comum. Oh! deliciosas e desaparecidas "mangas comuns", por quais espécies "não comuns" te substituiram? Penso também, não com melancolia e sim com revolta, com aspera revolta, em outros valores de nossa vida brasileira ainda mais ricos do que os seus mais característicos frutos e que uma cada vez mais falsa civilização vai insensatamente destruindo... Insensatamente ou de má fé?

ANOTAÇÕES

A ESPECIALISTA

RUA 1.º DE MARÇO, 85

RECIFE

Tem sempre o brim de linho, o tropical ou a casimira que V. S. precisa e sempre pelo melhor preço da praça

COOPERATIVA

BANCO DO NORDESTE

LIMITADA

Sede: RUA DO IMPERADOR N.º 310

Enderço Telegráfico: "BANORDESTE" - Telefone: 6260
RECIFE — PERNAMBUCO

EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — DEPÓSITOS

Secção de ADMINISTRAÇÃO DE BENS com carteira especializada em LOTEAMENTO e VENDA de TERRENO urbano

ALCIDES MARROQUIM
Presidente

WALDEMAR CARDOSO
Gerente

CAIXA DE CRÉDITO

MOBILIÁRIO DE PERNAMBUCO

(CRIADA PELO DECRETO ESTADUAL N.º 161,
DE 20 DE AGOSTO DE 1938)

End. Teleg. - "CREDIMOBIL"

Telefone, 9041 - Caixa Postal, 649

Avenida Rio Branco, 23

RECIFE - PERNAMBUCO

DEPÓSITOS GARANTIDOS
PELO ESTADO

CAIXA ECONOMICA FEDERAL DE PERNAMBUCO

DENTRO DE DOIS ANOS, ESTARÁ CONCLUÍDO O NOVO EDIFÍCIO DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DE PERNAMBUCO

Com uma cerimônia simples, porém de alta significação para todos os pernambucanos, acaba de ser assinado o contrato entre diretores da Caixa Econômica Federal de Pernambuco e representantes da "Sociedade Construtora de Obras Públicas Limitada", com sede na capital alagoana, para a construção do novo e suntuoso edifício onde passará a funcionar, dentro em breve, a Caixa Econômica Federal de Pernambuco.

Iniciando a cerimônia, usou da palavra o dr. Amaro Pedrosa, presidente daquela autarquia, que não escondeu o seu entusiasmo, ao se referir ao grande empreendimento.

"Após dez anos de lutas e canseiras, a Caixa Econômica Federal de Pernambuco vai construir seu novo edifício" — disse — demonstrando o contentamento que lhe invade, naquele momento, em resolver um problema que há tantos anos desafiava solução.

Na época, como se sabe, a imprensa recifense publicou o edital de concorrência para a construção da nova sede daquela autarquia, a qual deverá ficar situada em terreno já determinado, na avenida Guararapes.

A essa concorrência inscreveram-se seis firmas construtoras, vencendo-a a "Sociedade Construtora de Obras Públicas Limitada" (SCOP), sediada em Maceió, Alagoas, que tem como dirigente o engenheiro Lisanel de Melo Motta.

FATOR DE PROGRESSO

A cidade do Recife cresce a todo momento, enchendo-se de prédios modernizados o que bem alegra o grande progresso da terceira capital do país.

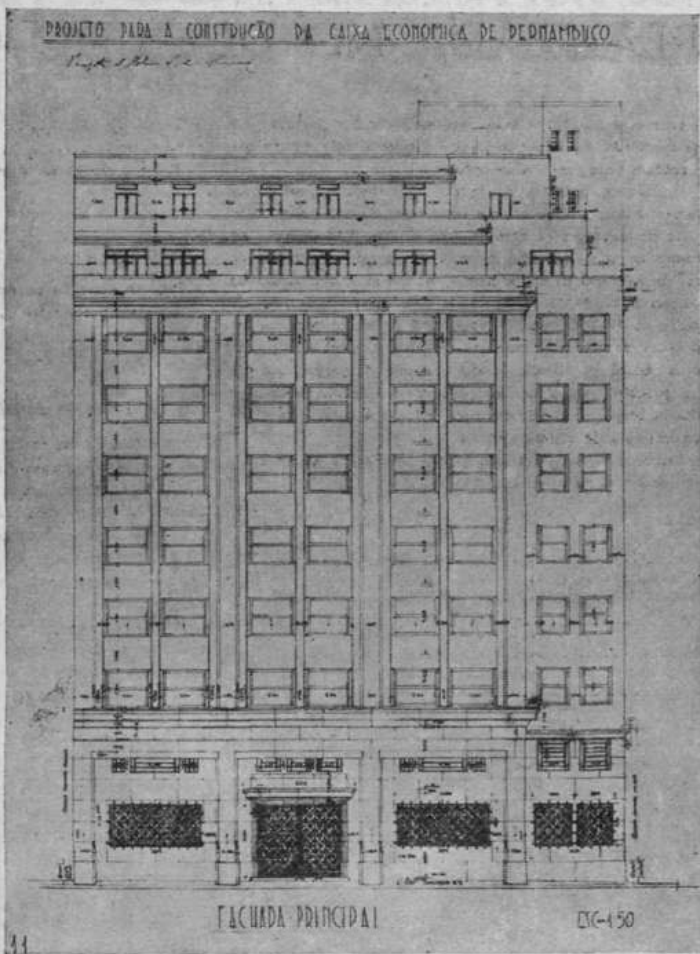
E a Caixa Econômica Federal de Pernambuco não podia permanecer alheia a esse progresso, pois, como se sabe, é ela também um dos fatores dessa grande transformação por que vem passando a capital do Estado, dadas suas atividades no fornecimento de crédito.

Os trabalhos de construção, sob a responsabilidade do engenheiro de minas sr. Lisanel de Melo Motta, também diretor-gerente da "SCOP", será processado dentro dos planos previamente traçados, de modo a que seja entregue dentro do prazo previsto no contrato, isto é, dentro de vinte e quatro meses.

ORÇADO EM QUINZE MILHÕES

A cotação fornecida pela empresa construtora, para o edifício sede da Caixa Econômica Federal de Pernambuco, quinze milhões, seiscentos e dez mil cruzeiros, dará uma idéia aproximada ao leitor da grandiosidade que será o novo prédio.

Constará ele com doze pavimentos e um sub-solo, e será construído numa área de oitocentos metros quadrados, tendo cerca de vinte mil metros quadrados de área edificada. Ficará, como se sabe, localizado numa posição invejável, em esquina, dispondo,



Aspecto do futuro edifício da Caixa Econômica Federal de Pernambuco, mostrando a fachada principal que ficará na Avenida Guararapes, a grande artéria do Recife

ainda, de três suntuosas fachadas, uma das quais vai publicada, em "clichê", nesta página, e será servido por cinco elevadores de grande capacidade.

A nova sede da Caixa Econômica Federal de Pernambuco funcionará no sub-solo, onde serão instaladas duas caixas-fortes (uma para uso da autarquia e outra para aluguer), térreo, só-

bre-tela, 2.º e 3.º pavimentos, onde ficarão instalados os diversos serviços. O restante do edifício será alugado.

ASSINADO O CONTRATO

Conforme nos referimos no início destas notas, finalmente, foi realizada a assinatura do contrato entre a Caixa Econômica Federal

de Pernambuco e a importante firma construtora alagoana.

Os trabalhos foram presididos pelo dr. Amaro Pedrosa, que teve como companheiro de mesa o dr. Henrique Portela, diretor daquele estabelecimento de crédito; dr. Pelópidas de Castro, consultor jurídico; sr. Maria Emília Câmara, secretária do Conselho Administrativo, e o engenheiro Li-

FALA O DR. AMARO PEDROSA

Perante funcionários da autarquia e outras pessoas convidadas, o dr. Amaro Pedrosa deu por aberta a sessão, fazendo um ligeiro histórico da importância daquele momento para a Caixa Econômica Federal de Pernambuco.

Dispondo daquele magnífico terreno à avenida Guararapes, há mais de dez anos, até agora não tinha sido possível iniciar a construção do edifício em face de dificuldades impostas pela municipalidade recifense.

A atual direção da Caixa Econômica Federal de Pernambuco, a molde do que fizeram as suas antecessoras, colocou todo empenho no sentido de resolver o problema. Houve repetidos contactos com o ministro da Fazenda, dr. Horácio Lafer, e com o governador de Pernambuco, professor Agamenon Magalhães.

Desses entendimentos, e resultando da boa vontade dos dois homens de governo, foi possível, enfim, afastar todos os obstáculos. Até que se confeccionou o edital de concorrência, tendo as empresas construtoras oferecido os seus trabalhos.

Depois de feitos estudos pela Comissão de Fiscalização, ficou resolvido que a firma contemplada seria a "Sociedade Construtora de Obras Públicas Limitada", dirigida pelo engenheiro Lisanel de Melo Motta, figura de técnico largamente conhecida em todo o país e que, com essa nova realização, somente poderia patentear mais o seu nome, como enaltecer o seu Estado, Alagoas.

Mais adiante, acrescentou o dr. Amaro Pedrosa:

"Este fato de uma firma alagoana vencer a concorrência para construir o edifício da Caixa Econômica, em Pernambuco, é uma prova de que nós, pernambucanos, não somos baírristas. Não encaramos assuntos desse tipo sob esse prisma. Antes, salientamos que todos nós somos brasileiros".

Ao finalizar o seu ligeiro discurso, declarou:

— "Ao mesmo tempo aproveito a oportunidade para apresentar as minhas congratulações ao funcionalismo desta Casa e dou por aberta a sessão".

Em seguida, a sr. Maria Emília Câmara procedeu à leitura do contrato, instrumento minucioso que regula nos detalhes a execução dos trabalhos de construção.

AS PALAVRAS DO DR. PELÓPIDAS DE CASTRO

Após, o dr. Pelópidas de Castro, consultor jurídico da Caixa Econômica Federal de Pernambuco, dirigiu-se aos presentes, afirmando:

"Chegamos, por fim, ao resultado desejado. Conseguimos que a Prefeitura do Recife desistisse de anular a escritura de aquisição do terreno da avenida Guararapes, onde será construída a nova sede da Caixa Econômica. Esta feliz conclusão se deve à ação decisiva do dr. Amaro Pedrosa, junto ao governador Agamenon Magalhães, homem de alto espírito administrativo, resultando em proveito da principal avenida do Estado".

Concluindo sua allocução, o dr. Pelópidas de Castro adjuntou: "Por tudo isto, proponho que todos nós, funcionários da Caixa Econômica Federal de Pernambuco, soltámos ao presidente Amaro Pedrosa, a inscrição, na ata destes trabalhos, de um voto de aplausos e congratulações ao governador Agamenon Magalhães".

Logo depois, teve lugar a assinatura do contrato, dando-se por encerrada a sessão.

PESSOAS PRESENTES

Entre outras pessoas presentes, conseguimos anotar as seguintes:

Sr. Pelágio da Silveira, Pelópidas de Castro, João Holmes, Piebidas Castro, Manuel Cordelero, Fernando Neves, Carlos Regueira, Dinâmico Andrade, Ary Mota, Roberto Melo, Francisco Rodrigues, Tancredo Tavares, Amaro Pedrosa Júnior, Paulo Rodrigues de Sousa, Waldemar Teles, José Ricardo Carneiro da Cunha, José Cavalcanti Uchoa, Amaro Pedrosa, Henrique Portela, Origenes Caldas, Ricardo do Rego Barros, Carlos Bacchi, Avelar Cavalcanti, Tibério Freire e Erico Freire; sr. Maria Emília Câmara, Maria do Carmo Sá e Maria Conceição Teixeira; senhorinhas Antonina Pádua, Maria Antônia Sampaio, Maria dos Anjos Guerra, Maria Eugênia Catunda, Lara Ferreira Pires, Inovi Fonseca e Avany Barreto.

O novo edifício da Caixa Econômica Federal, no Recife, será mais um patrimônio imobiliário à altura do progresso da capital pernambucana.



Sob a presidência do Dr. Amaro Pedrosa, reúne-se o Conselho da Caixa Econômica Federal de Pernambuco para aprovação de planos sobre novas construções, inclusive da edificação da nova sede da autarquia



Reunião do Conselho da Caixa Econômica Federal de Pernambuco, vendo-se o Dr. Amaro Pedrosa, presidente, o Dr. João Holmes, Eng. Chefe da Com. de Fiscalização, Srta. Maria Emília Câmara, Secretária do Conselho, conselheiro Henrique Portela e srta. Yara Pires, sec. da Comissão de Fiscalização

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Ltda. REFERENTE À SAFRA 1950/1951 APRESENTADO À ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA REALIZADA NO DIA 3 DO CORRENTE

Senhores Associados:

De acôrdo com o que determinam os nossos Estatutos, temos a honra de apresentar aos senhores associados as contas, o balanço encerrado no dia 31 de agosto de 1951 e o Relatório de todas as atividades sociais durante o exercício 1950/1951.

Lamentamos não poder registrar neste Relatório um resultado mais satisfatório para os produtores açucareiros desta região na safra em análise. Continuamos trabalhando em bases desfavoráveis sujeitos a um preço tabelado para o nosso produto na safra 1948/49, e ainda hoje vigorante apesar dos sucessivos aumentos verificados em todas as utilidades necessárias à indústria açucareira que atingiram a percentagem alarmante.

Durante três safras consecutivas trabalhamos incessantemente junto aos poderes competentes, demonstrando a necessidade da fixação de um preço justo para o açúcar e advertindo as altas autoridades que a indústria não poderia subsistir se não lhe fosse concedido amparo eficiente. Esclarecemos através de dados concretos e irrefutáveis, qual o preço mínimo indispensável para fazer face aos aumentos das utilidades imprescindíveis à indústria açucareira. Nenhuma solução definitiva alcançamos e sentimos encerrar as contas da safra 50/51 num estado de inquietação e de dúvida quanto ao destino dessa secular indústria que vem subsistindo à custa de esforços ingentes dos produtores e de sua organização de classe, empenhados, em conjunto, nessa luta pela sorte da indústria açucareira, na qual repousa a própria economia do Estado.

Cumprimo-nos informar aos nossos associados que já entregamos ao Exmo. Sr. Presidente da República um circunstanciado memorial acompanhado de elementos minuciosos e irrefutáveis em que poderá Sua Excelência ajuizar da real situação da indústria açucareira deste Estado.

Nossa ação foi apoiada por outro memorial assinado por nove Governadores dos diversos Estados açucareiros dirigido ao Chefe da Nação. Secundaram nosso pleito as organizações de classe dos diversos Estados açucareiros, usineiros, fornecedores, operários; todos irmanados no desejo de um feliz desfecho para o drama da produção açucareira nacional.

Contamos com o apoio do Instituto do Açúcar e do Alcool e do Exmo. Sr. Ministro da Agricultura, conhecedores da crise que ameaça a economia nordestina. No Parlamento Nacional, muitas vozes se ergueram salientando como são razoáveis as nossas pretensões.

Acreditamos, assim, haver realizado tudo quanto nos era possível fazer para conseguir o reajustamento do preço do nosso principal produto, procurando convencer as autoridades, esclarecendo a opinião pública e oferecendo todos os dados para demonstração cabal da indeclinável justiça das nossas reivindicações.

Contudo até o presente momento, nada foi resolvido, embora estejamos certos de que o Exmo. Sr. Presidente Vargas, profundo conhecedor da nossa economia açucareira, que tantos benefícios lhe deve, não demorará a determinar providências que possam soerguer a indústria e, sobretudo, o ânimo exausto dos que nela mouream.

Não fosse a exata compreensão dos nossos atuais problemas por parte do Sr. Ricardo Jafet, Presidente do Banco do Brasil e pelos seus demais diretores, notadamente dos Srs. Loureiro da Silva, Egidio Câmara e Vilobaldo Campos e pelo Sr. Presidente do Instituto do Açúcar e do Alcool, Dr. Silvio Bastos Tavares, a boa vontade demonstrada também pelas suas administrações regionais, não se poderia calcular a que posição teríamos sido arrastados.

PRODUÇÃO

Procurando atender às determinações dos órgãos administrativos que fixaram a quota de produção deste Estado em 9.360.287 sacos a ser alcançada até 1956/1957, esta Cooperativa, mobilizando todos os seus recursos, pôde prestar relevante auxílio aos usineiros a fim de que eles aumentassem as suas safras, na expectativa de ressarcir os prejuízos e as novas inversões com u'a melhor remuneração do produto.

Como resultado das medidas adotadas temos a satisfação de registrar no ano agrícola de 1950/51, uma produção de 8.054.568 sacos de açúcar de diversos tipos, superior à da sa-

fra passada em 1.552.388 sacos. Foi esta a maior produção até hoje verificada que esperamos, seja superada pela futura safra fundada para 9.000.000 de sacos.

Infelizmente o preço do açúcar não ajuda o produtor a colher os frutos do seu esforço no sentido de colocar o nosso Estado em condições de atender, com a sua quota integral, ao consumo nacional, que vai crescendo dia a dia, nu'a média de cerca de 2.000.000 de sacos anuais, a indicar que o limite de produção de 33.364.158 sacos, fixado para o país, vigorante até a safra de 1956-/57 inclusive, não será suficiente para as necessidades do consumo. Esse indispensável aumento de produção só poderá ser atendido quando estabelecido preço justo para o produto, estimulando os produtores e facultando-lhes os meios de ampla renovação das suas instalações industriais e dos seus processos de cultura agrícola.

Damos a seguir, uma relação das usinas que aumentaram a sua produção na safra 1950/51:

USINAS	SAFRA 49/50	SAFRA 50/51
Aliança	175.674	210.855
Água Branca	107.933	134.135
Aripibú	96.512	114.184
Bamburral		
Caxangá	245.196	352.835
Estrellana		
Barão Suassuana	107.342	151.234
Barra	60.759	76.544
Brasil	11.115	20.115
Bom Jesus	147.976	157.599
Bulhões	118.579	166.152
Cachoeira Lisa	158.416	168.843
Capibaribe	31.545	48.890
Catende	480.562	642.857
Central Barreiros	474.228	538.313
Central Olho d'Água	101.459	145.584
Craustá	15.123	16.633
Cruangi	135.495	155.111
Cucaú	256.099	290.965
Frei Caneca	90.269	110.118
Ipojuca	122.902	131.574
Jaboatão	137.258	176.194
José Rufino	53.968	69.078
Maria das Mercês	44.815	80.729
Massaússú	226.624	284.632
Matarí	143.511	182.866
Muribeca	50.281	68.769
Musurrepe	100.287	123.012
N. Senhora do Carmo	75.244	108.035
N. Senhora Maravilhas	92.195	129.947
Peri Peri	22.348	33.831
Petribú	54.496	77.830
Pirangi	31.217	67.135
Pôrto Rico	25.564	37.017
Pomatí	110.164	134.846
Rio Una e Sto. André	218.688	250.474
Rocadinho	142.974	172.204
Salgado	178.284	224.534
Santa Inês	20.015	27.533
Santa Tereza	205.888	231.557
Santa Terezinha	380.990	421.245
Santo Inácio	63.339	77.414
São José	61.224	92.426
Serro Azul	130.379	131.015
Sibéria	13.644	20.007
Tiama	217.783	260.826
Trapiche	215.396	277.099
13 de Maio	107.512	147.969
União e Indústria	202.545	245.030

ESCOAMENTO

Toda a safra foi escoada normalmente graças a um perfeito entendimento entre esta Cooperativa e as Empresas de Navegação, notadamente o Lloyd Brasileiro.

A produção entregue à Cooperativa, foi assim distribuída:

Produção entregue	5.803.502
Remanescente da Safra 1949/50	56.065
Sobras na trituração	428
	5.859.995

Faturamento — País	5.167.252
Faturamento — Exterior	687.641

Donativos	391
Quebras	1.591
Estoque em 31 de agosto	3.161
	5.860.036

MENOS: —

Açúcar entregue na safra 1949/50 e faturado nesta safra	41
	5.859.995

PREÇOS E DESPESAS DA SAFRA

A média líquida obtida na safra 1950/51 para os açúcares entregues à Cooperativa foi de Cr\$ 160.72.742 por sacco de 60 quilos, base cristal, apesar de termos entregues cerca de 2.000.000 de sacos ao Distrito Federal e Estado de São Paulo, na base líquida de Cr\$ 149,00 por sacco.

Em face do preço oficial FOB-Recife de Cr\$ 150,10, a média alcançada representa um resultado impar na vida desta Associação, confirmando o cuidado e interesse com que foram orientados os negócios confiados à sua administração para o que concorreu, também, a exportação para o exterior de 687.641 sacos a melhor preço e as vendas realizadas diretamente, por esta Cooperativa aos varejistas, com a margem de 10%, estipulada na Resolução n.º 534, do Instituto do Açúcar e do Alcool, que dispõe sobre o plano da safra 51/52 (parágrafo 2.º do artigo 19).

Este resultado teria sido realmente animador, se no mesmo período, o custo de produção industrial não houvesse superado largamente essa vantagem auferida, como consequência da alta permanente de todos os artigos de que carece a indústria, muito deles elevados em percentagem de 100%, 200% e até mais.

Visando o melhor resultado para os produtores a Administração da Cooperativa restringiu despesas dentro do máximo de suas possibilidades. Assim as despesas gerais da Organização atingiram a Cr\$ 7.270.272,10, o que corresponde a Cr\$ 0,97.594 por sacco.

As despesas de retenção no valor de Cr\$ 11.893.973,50 ficaram reduzidas a Cr\$ 6.524.421,50, em virtude da bonificação concedida pelo I. A. A. no valor de Cr\$ 5.369.552,00, sobre os açúcares warrantados. Dividindo esta quantia pelos açúcares entregues à Cooperativa, no total de 5.803.502 sacos, encontraremos Cr\$ 1,12.4221 por sacco de açúcar, cobrada, somente, dos produtores que entregam o seu açúcar à Cooperativa.

Sentimo-nos satisfeitos em apresentar esses resultados que são fruto de grande esforço. E, ainda, com maior prazer que registamos o fato de termos acertado as nossas transações com o Instituto do Açúcar e do Alcool, antes do nosso balanço em 30 de agosto último, possibilitando liquidar as contas da safra com os nossos associados, no dia 30 de setembro, a exemplo do que fizemos no exercício passado.

FINANCIAMENTO

A Cooperativa realizou financiamentos aos seus associados durante a safra finda, no valor de Cr\$ 723.064.637,50. Para esse total o Instituto do Açúcar e do Alcool concorreu com a importância de Cr\$ 335.285.260,00, proveniente de recursos próprios, e através do Banco do Brasil, destinando-se essa parcela fornecida pelo I. A. A.: à warrantagem de 2.684.776 sacos de açúcar.

Atendendo à situação da indústria e à dificuldade de crédito verificada na praça do Recife, que impediu o industrial de conseguir por si só os recursos financeiros precisos para a sua atividade, a Cooperativa ainda realizou operações bancárias a favor dos seus associados no valor de Cr\$ 363.993.668,70.

As cifras indicadas que totalizam Cr\$ 1.087.058.306,20 são bem expressivas e demonstram o esforço desta Organização orientado no sentido de estimular e facilitar o aumento da produção, indispensável à estabilidade da indústria açucareira.

O Banco do Brasil, como de ordinário, concedeu financiamentos no período de entre-safra, aos usineiros, no valor de Cr\$

Outros Bancos da praça com a perfeita consciência de sua elevada missão econômica, da importância do papel que têm a desempenhar para o desenvolvimento da riqueza do nosso Estado, também fizeram financiamentos no total de Cr\$ 94.597.227,60.

E digno de registro o movimento de descontos de títulos feitos nos Bancos do Recife e do Rio de Janeiro, pela Cooperativa, que atinge o total de Cr\$ 1.248.581.644,50, conforme se verifica no mapa que ilustra este capítulo:

BANCOS	Valor dos títulos descontados
	Cr\$
Auxiliar do Comércio S/A	105.858.241,10
Brasil S/A	257.016.958,80
National City Bank	32.293.694,50
Bank of London	56.638.698,40
Fovo S/A	48.506.910,80
Royal Bank of Canadá	21.909.878,00
Nacional Ultramarino	183.144.005,70
Nacional do Norte S/A	63.100.840,80
Nacional de Pernambuco S/A	101.984.604,20
Comércio e Indústria de Pernambuco S/A ..	16.783.706,70
Comércio e Indústria de Minas Gerais S/A ..	81.750.446,80
Lavoura de Minas Gerais S/A	20.111.655,70
Irmãos Guimarães Ltda.	6.815.020,19
Industrial de Pernambuco S/A	2.000.000,00
Comércio e Indústria de Minas Gerais S/A — (c/caução)	4.920.327,70
Comércio e Indústria de São Paulo (Recife) Brasil C/Especial	18.199.747,80
L. A. A. — Recife —	69.881.397,00
Comércio e Indústria de São Paulo (Rio) ..	52.516.953,70
Caixa de Crédito — Rio	3.078.591,30
Irmãos Guimarães — Rio	27.000.000,00
Nacional de Descontos — Rio	3.957.942,20
Boa Vista — Rio	34.996.729,20
Banco da Bahia — Rio	4.027.500,00
	3.089.726,00
	1.249.581.644,50

A todos esses estabelecimentos de Crédito, a todos quanto colaboraram no movimento financeiro para manutenção da indústria açucareira de Pernambuco e para consequente preservação do equilíbrio econômico-social do nosso Estado dirigimos os nossos maiores agradecimentos.

MERCADORIAS

A Cooperativa, que, por todos os meios, tem auxiliado os seus associados, vem de há muito, adquirindo material indispensável à indústria, para distribuição entre as usinas do Estado.

Na safra 1949/50, essas compras atingiram a Cr\$ 19.202.738,20, representadas por capas de caroiá, enxofre em canudo, enxadas, fios de caroiá e sacos de algodão.

Acontece, porém, que a crise do algodão, diminuindo a produção de sacaria e elevando extraordinariamente o valor do saco, que de Cr\$ 6,80 passou a Cr\$ 14,00, obrigou a Cooperativa a tomar providências imediatas no sentido de prevenir-se para a safra futura e, assim, de posse dos pedidos antecipados da maioria das Usinas, de acordo com a estimativa da sua safra, adquiriu muito maior quantidade de sacos, a preços diversos que resultaram numa média inferior ao preço vigente no mercado em geral. Essas compras elevaram-se a Cr\$ 61.920.378,50. As compras de enxofre, dadas as dificuldades de importação foram reduzidas de Cr\$ 2.930.632,40 para Cr\$ 1.200.210,00; as de fios de algodão alcançaram o valor de Cr\$ 311.045,60, tudo totalizando Cr\$ 63.431.634,20, conforme resumo abaixo:

Sacos de algodão	61.920.378,50
Fios de algodão	311.045,60
Enxofre	1.200.210,00
	63.431.634,20

Todas essas medidas que, indiscutivelmente, representam um esforço supremo da Organização a favor dos seus associados, visam garantir a produção açucareira de Pernambuco, que não deve perder no mercado nacional, a sua posição de prioridade.

ASSISTÊNCIA SOCIAL

Os serviços de assistência social, prestados pela Cooperativa aos seus funcionários, vêm sendo, sempre, ampliados de acordo com as necessidades e dentro das possibilidades previstas para este fim.

Na safra passada, a Cooperativa dispendeu a importância de Cr\$ 239.989,00 assim distribuída:

Assistência dentária	28.385,00
Assistência médica	165.292,90
Assistência à maternidade	42.940,50
Auxílio para funeral	3.370,00
	239.989,00

Pelo movimento dos serviços médicos que temos o prazer de apresentar abaixo, verão os nossos associados a extensão e a importância dos benefícios prestados aos nossos funcionários e às suas famílias:

Assistência Médica:	
Consultas no ambulatório	1.558
Consultas a domicílio	154
Injeções	2.754
Curativos	536
Assistência dentária:	
Consultas	124
Obturações	238
Extrações	177
Limpeza	498
Moldes	34
Radiografias	105
Cautérios	12

A Cooperativa, em obediência a dispositivos legais, concorreu com a sua parte e a contribuição dos seus funcionários para as organizações de assistência social, nos seguintes valores:

	Cr\$
I.A.P.E.T.C.	317.739,20
I.A.P.I.	176.957,80
L. B. A.	36.391,20
S.E.S.I.	59.374,50
S. E. N. A. L.	29.687,20
	620.149,90

De acordo com a autorização dos Usineiros, conforme vem sendo feito, desde que está em vigor o Decreto Lei n.º 9.827, que criou a taxa de Cr\$ 2,00 por saco de açúcar para assistência social ao trabalhador, esta Cooperativa vinha descontando Cr\$ 0,50 por saco de açúcar para o serviço médico e hospitalar das Usinas nesta capital.

No exercício de 1950/51 a Cooperativa, devidamente autorizada, passou a descontar Cr\$ 0,50 por saco de açúcar da safra 1950/51, por conta da referida taxa, entregando-a, em sua maior parte, à Sociedade Beneficente e Hospitalar das Usinas de Açúcar de Pernambuco. Este desconto, que importou, na safra finda, em Cr\$ 6.413.000,00 foi assim distribuído:

	Cr\$
Hospitalar do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar	1.020.000,00
Sociedade Beneficente e Hospitalar das Usinas de Açúcar de Pernambuco	5.393.000,00
Hospital em construção	—
	6.413.000,00

FISCALIZAÇÃO

Como vem acontecendo todos os anos o Departamento de Assistência às Cooperativas, tem prestado sua fiscalização a esta Cooperativa, assim como a firma Deloitte Plender Griffiths & Co. continuou orientando e fiscalizando a nossa contabilidade.

RELAÇÕES COM OS ÓRGÃOS AÇUCAREIROS E COM A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

A Autarquia que preside a orientação da política açucareira nacional, continuou a prestar os seus relevantes serviços, cumprindo eficientemente, sua missão, quer na sede da administração, quer na Delegacia Regional de Pernambuco, os produtores têm encontrado sempre hos acolhida, e esta Cooperativa, na defesa dos interesses que lhes são confiados, vem obtendo o apoio possível nos pleitos por ela intentados. E' do nosso dever esse justo registro. Na Comissão Executiva do L.A.A. E continuaram os interesses dos usineiros pernambucanos entregues à vigilância incansável do nosso operoso colaborador, dr. Gil de Methodio Maranhão, merecedor da nossa confiança e dos nossos aplausos pela sua atuação inteligente e decidida.

Temos encontrado, sempre, boa vontade das autoridades, federais, estaduais e municipais para solução dos problemas que interessam a indústria açucareira, principalmente por parte do exmo. sr. dr. Agamenon Magalhães, digníssimo Governador do Estado, que tem dispensado a melhor acolhida às nossas pretensões, intervindo a nosso favor nos justos pleitos por nós intentados.

A Associação dos Fornecedores de Cana de Pernambuco, com quem mantemos as melhores relações continuou representada junto ao Conselho de Administração desta Cooperativa pelo dr. Mário Lins e Melo, desvelado na defesa dos interesses da sua classe, com a justa compreensão dos problemas que aproximam usineiros e fornecedores de cana.

A todos, manifestamos a nossa gratidão pela valiosa colaboração que nos prestaram.

CONCLUSÃO

Esperando haver relatado com precisão e clareza todos os fatos ocorridos na safra finda, entregamos ao julgamento dos nossos associados o balanço geral do exercício 50/51, ficando ao dispor dos interessados para quaisquer esclarecimentos que desejarem.

Finalizando, aprez-nos ressaltar a operosidade e competência dos nossos funcionários, que muito concorreram para o bom êxito dos trabalhos executados, cumprindo-nos destacar a atuação do Gerente, Sr. José Joaquim Dias Fernandes Filho, do Sr. Antônio Tenório Valença, Contador e do Sr. Carlos Seiva, chefe do nosso escritório. A todos os nossos colaboradores os nossos sinceros agradecimentos.

Recife, 20 de novembro de 1951.

JOSE PESSOA DE QUEIROZ
Presidente

COOPERATIVA DOS USINEIROS DE PERNAMBUCO LIMITADA

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA LUCROS E PERDAS

Em 31 de agosto de 1951

CRÉDITO

	Cr\$
Taxa sobre produção cobrada aos Associados de acordo com o Artigo 14 dos Estatutos ..	8.053.267,00

DÉBITO

	Cr\$
Despesas da safra 1950/51	7.270.272,10
Depreciação sobre o Ativo Fixo, transferida para a conta «Reserva para Depreciações» ..	567.762,10
Sobra líquida do Exercício	215.232,80

DISTRIBUIÇÃO DAS SOBRAS:

	Cr\$
Fundo de Reserva	
10% — de acordo com o Artigo 16 dos Estatutos	21.523,30
Retorno creditado aos Associados	193.709,50
	215.232,80

(s.a.) José Pessoa de Queiroz, Presidente
José Joaquim Dias Fernandes Filho — Gerente
Antônio Tenório Valença, Contador — C.R.C. n.º 47.

COOPERATIVA DOS USINEIROS DE PERNAMBUCO LIMITADA

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Nós abaixo assinados, membros efetivos do Conselho Fiscal da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Limitada, usando das atribuições que nos são conferidas pelos nossos Estatutos sociais, tendo examinado minuciosamente os documentos, inventários, contas, balanço e demais peças constantes do Relatório da Diretoria, referente ao ano social findo em 31 de agosto último e verificando a perfeita regularidade dos negócios da Sociedade, somos de parecer que seja aprovada pela Assembléia Geral Ordinária a realizar-se em dezembro p. vindouro, o mencionado Relatório, bem como todos os documentos em referência.

Recife, 14 de novembro de 1951.

(s.a.) Alfredo Bandeira de Melo
José Ranulfo da Costa Queiroz
Antônio Cysneiros Cavalcanti.

NO IV CONGRESSO DE ESCRITORES BRASILEIROS

Declaração de princípios dos escritores democráticos

O IV Congresso de Escritores Brasileiros, promovido pela ARDE nacional, reuniu em Porto Alegre, de 25 a 30 de setembro deste ano, representantes de vários Estados, destacando-se, dentre elas, a de Pernambuco que, pela sua maioria, procurou liderar a corrente democrática do Congresso a fim de que o mesmo não se transformasse em um conclave sectário. Dessarte redigiram os escritores pernambucanos uma declaração de Princípios que recebeu a adesão dos mineiros, cearenses, alagoanos e baianos e que obteve ampla repercussão em todo o país. Lida na Câmara Federal, na Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, e transcrita em seus respectivos anais, a Declaração de Princípios dos escritores democráticos também foi divulgada pela imprensa gaúcha, paulista, carioca, pernambucana, alagoana, baiana, cearense, além de ter sido transcrita pela "Revista Brasileira", do Rio, que a subscreveu, e em editorial da revista "Província de São Pedro".

Esta a já hoje histórica "Declaração de Princípios":

"Os escritores brasileiros, reunidos no seu IV Congresso, nesta cidade de Porto Alegre, sob a inspiração de deveres e responsabilidades que lhes são comuns, e

CONSIDERANDO:

1.) — que a liberdade de manifestar e formular o pensamento é essencial à plenitude da criação literária e artística;

2.) — que a arte e a literatura não podem ser por isso mesmo submetidas a quaisquer processos de controle ou de limitação;

3.) — que a democracia, sendo o único regime compatível com a dignidade da pessoa humana, deve ser defendida e preservada pelo escritor como uma condição de sobrevivência de sua liberdade criadora;

4.) — que o patrimônio cultural da civilização, cujos valores cumpre sejam defendidos, está ameaçado pelos preparativos bélicos em que ora se empenham as grandes potências mundiais;

5.) — que o ideal de paz, acima de tendências políticas, ideológicas ou religiosas, é um anseio universal e está na tradição do povo brasileiro;

6.) — que é dever do escritor pugnar pelo livre curso das idéias e pelo livre acesso às fontes de informações, como meio de assegurar o intercâmbio cultural e a convivência pacífica entre os povos;

(Continua na pg. 14)

I Exposição de Pintura de Jorge de Lima

I Exposição de pintura de Jorge de Lima, promovida pela revista NORDESTE -- 35 telas no saguão do Gabinete Português de Leitura -- Não estavam à venda mas o público exigiu comprá-las -- Acontecimento artístico de grande relevo na vida recifense

A I exposição de pintura do poeta Jorge de Lima, realizada em outubro último pela revista "Nordeste", constituiu um acontecimento artístico de relevo invulgar na vida cultural nordestina. Pela primeira vez, no Brasil, o poeta Jorge de Lima, figura muito conhecida e admirada em todo o país, consentiu que seus quadros formassem numa exposição pública.

35 quadros a óleo, representando várias fases da pintura de Jorge de Lima, foram expostos no saguão do Gabinete Português de Leitura durante 15 dias. O grande número de intelectuais, artistas, homens do povo e famílias que acorreram ao local da exposição atestam o prestígio do nome de Jorge de Lima no Recife.



CORAL DAS DONZELAS — tela a óleo de Jorge de Lima que figurou na sua exposição no Recife

Muito concorreu para o êxito da mostra de arte, o irmão do poeta, sr. Ma-

nizar o catálogo que "Nordeste" imprimiu para distribuição entre os visitantes.

Os quadros de Jorge de Lima, que se intitula sempre de um "amador" em artes plásticas muito embora tenha merecido as melhores referências de nomes como Santa Rosa, Bernanos, Sérgio Milliet e outros, não estavam à venda, mas apareceram os admiradores e exigiram que o poeta os vendesse por qualquer preço. Isto demonstra o interesse que despertou em todas as camadas a arte viva e poética do pintor e poeta brasileiro que mereceu, no Recife, crítica das mais entusiásticas como as de Olívio Montenegro, Mauro Mota, Aderbal Jurema, Altamiro Cunha, B. Ludemir e outros.



Aspecto parcial da grande assistência, vendo-se escritores, jornalistas e famílias que compareceram ao ato de inauguração



Outro aspecto das pessoas que compareceram à mostra de arte de Jorge de Lima, promovida pela Revista NORDESTE

★

ÁLVARO LINS NA CÂTEDRA DO PEDRO II

O tradicional Colégio Pedro II, do Rio, viveu dias de intensa vibração intelectual com o concurso de Literatura em que quatro candidatos de primeira ordem disputavam as honras da cátedra. Proclamado o resultado, coube ao escritor pernambucano Alvaro Lins a melhor classificação, confirmando-se, dessarte, a cultura e a lucidez crítica do autor da tese "Da técnica de romance em Marcel Proust."

Com o ingresso definitivo de Alvaro Lins na sua congregação, a tradição cultural do Pedro II encontrará no escritor pernambucano um dos seus mais vigorosos e brilhantes continuadores.

★



GRANDE PRÊMIO "GOVERNO DO ESTADO" — A comissão julgadora do X Salão Anual de Pintura do Estado concedeu, este ano, o "Grande Prêmio Governo do Estado" à jovem pintora pernambucana Ladjane Bandeira de Lira que pela primeira vez expôs no salão oficial de Pernambuco. A jovem artista, ilustradora de NORDESTE, concorreu com quatro trabalhos, tendo sido premiada com o quadro intitulado "GUERRA" que reproduzimos acima, numa fotografia de Arlindo.

★

SUMÁRIO

Manifesto dos Artistas Cearenses
Declaração de Princípios dos Escritores Democráticos
I Exposição de Jorge de Lima
Artigos de Aderbal Jurema, Gláucio Veiga, Altamiro Cunha, Antônio Girão Barroso, Yvonildo de Souza e Campomizzi Filho
Poemas de Guerra de Holanda
Conto de Vinícius da Gama e Melo
Ilustrações e vinhetas de Ladjane
Tópicos - Reportagens - Bibliografia

★